o programa revolucionario, o momento atual e o democratismo

BOLETIM DO MEP SECÇÃO EXTERIOR

N:1

MOVIMENTO PELA EMANCIPAÇÃO DO PROLETARIADO

CJM Porto 12 DC 23

dizem então que a pequena burguesia democrática é aliada do proletariado; que hoje o proletariado é fraco e não consegue exercer uma hegemonia numa frente de lutas contra o regime. E, em conseqüência disso, colocam-se a favor de um programa de lutas que visa expressar essa situação, no qual aparecem reivindicações operárias e a alternativa política para a sua resolução, ou seja, as "liberdades democráticas". Essa palavra de ordem é então o centro do programa e visa expressar o *objetivo* que se pretende na política e a *direção* que se quer imprimir à luta atual.

Que papel exerce de fato esta palavra de ordem?

Em primeiro lugar, o seu papel é o de expressar a incapacidade de setores da esquerda revolucionária em compreender, do ponto de vista da classe operária, a única classe realmente revolucionária, o que significa no momento atual a aplicação de um plano estratégico de alianças e o que significa a hegemonia na luta.

Da mesma forma que os doutrinaristas de hoje, os democratistas aplicam de forma mecânica ao momento atual um plano de alianças estratégico. Enquanto os doutrinaristas separam a tática da estratégica, como se fossem dois estágios, porque hoje a classe operária não luta à frente de seus aliados, os democratistas transformam a tática numa estratégia em miniatura. Há um inimigo principal, há classes e setores que do ponto de vista estratégico são aliados do proletariado; cabe então à tática encontrar a forma de fazer funcionar ou de expressar agora essa aliança contra o inimigo principal. Como o proletariado tem como aliado para a luta política contra o inimigo principal outras classes e setores submetidos à super-exploração e à opressão policial, entre eles os setores democráticos da pequena burguesia, a transposição dessa aliança para o momento atual implica em reconhecer, entre todos os que têm anseios por liberdades políticas, a pequena burguesia como força hegemônica, uma vez que é ela quem hoje exerce no plano político influência na oposição ao regime (ou ao inimigo principal) através de seus representantes políticos no Parlamento, de seus porta-vozes na imprensa, de personalidades democráticas, etc. E implica em reconhecer que o objetivo

dessa "aliança" em relação ao poder precisa ser "parcial" ou inferior ao que seria caso o proletariado fosse a força hegemônica. Assim, para que o proletariado (que é ainda fraco e atrasado) participe do movimento político da "sociedade" contra o inimigo principal, elaboram programas de luta onde as reivindicações operárias se expressam, do ponto de vista da luta política, por reivindicações correspondentes à democracia pequeno-burguesa, em particular, "liberdades democráticas", eleições livres, supressão do AI-5, etc. Isto é, estes programas procuram expressar as necessidades da classe operária através de uma luta política "parcial", pelas liberdades democráticas, o que na prática significa primeiro jogar as esperanças numa mudança parcial do regime através da ação política da pequena burguesia para depois se pensar em uma luta política não parcial, isto é, numa luta política onde o proletariado tenha a hegemonia. Como não se pode destruir o inimigo, luta-se então para reformá-lo, segundo as ilusões da democracia pequeno-burguesa.

Se a nossa tática não pode se basear numa falsa premissa que considera como inimigo principal o movimento de oposição à ditadura e nele a influência que exerce a democracia pequeno-burguesa, também não pode se basear numa concepção de "aliança" que, para estar adequada às possibilidades imediatas da luta política, precisa rebaixar o objetivo estratégico e os interesses do proletariado na luta política a um nível compatível com o movimento liberal de oposição ao regime e de modo a fortalecer seus setores que representam a democracia pequeno-burguesa. É preciso compreender que este movimento não vai deixar de ser liberal mesmo se conseguirmos fazer com que ele adote reivindicações operárias ao lado de reivindicações de política geral da democracia pequeno-burguesa e mesmo se conseguirmos fazer com que os operários participem dele.

Como única forma atual de oposição ao regime na luta política, este movimento (visto do lado dos que mais se destacam e mais se empenham na oposição ao regime) é, de um lado, conseqüência das contradições que a opressão policial gera e, de outro, conseqüência da fraqueza do proletariado. A nossa relação com esse movimen

CJM Pasta 12 Doc. 29

to não pode ser a de usá-lo para atrair o proletariado e com isto fortalecer a democracia pequeno-burguesa, neutralizando os setores mais comprometidos com a ditadura. Mas sim a de lutar *desde agora* para que o proletariado sustente os anseios por liberdades de amplas camadas do povo, sustente todos os movimentos que se opõem à superexploração e opressão policial, mesmo que deles participem setores vacilantes e até mesmo burgueses desesperados com o crescimento do grande capital.

Uma aliança ou hegemonia que de fato interessam à classe operária são *produto da luta*, onde a classe operária se apresenta com as *posições mais avançadas* e *luta com maior combatividade*, e não produto de acordos formais, verbais ou produzidos em gabinetes. Do ponto de vista da classe operária, a hegemonia e a aliança só se realizam se a classe operária sustenta os outros setores (mesmo que tenham posições vacilantes e atrazadas) que lutam contra o regime, lutando com posições mais avançadas e combativas.

Isto não quer dizer que as *posições mais avançadas* e *combativas* da classe operária (isto é, a sua alternativa política) sejam *sectárias*, sejam *contrárias* aos interesses de amplas camadas do povo. O que elas têm de radical e que geralmente fere a sensibilidade da democracia pequeno-burguesa é que não se baseiam em nenhuma ilusão, isto é, em nenhuma redemocratização ocasional do regime, como meio de defesa da burguesia, em nenhuma possibilidade de conciliação entre as liberdades para as massas trabalhadoras e a própria dominação burguesa no país.

Isto também *não quer dizer* que, sendo fraca a classe operária hoje, nada se tem a fazer. Compreendendo que a tática não é uma miniatura da estratégia nem um estágio inferior da estratégia, mas que a tática é uma parte da estratégia e a ela serve, os revolucionários vão compreender que desde agora se luta por um programa revolucionário, expresso por reivindicações *que partem* dos anseios de amplas camadas do povo pobre e *que se dirigem* para a conquista da liberdade política para as massas trabalhadoras, de modo a permitir à classe operária dar o primeiro passo na luta política, ou seja,

8

criar um período de transição para o socialismo, período este incompatível com a dominação capitalista no país em seu atual estágio. Vão compreender que no momento atual a situação do proletariado impõe um *período de resistência* e que nessa resistência cabe aos revolucionários lutarem antes de tudo para que a classe operária possa *sustentá-la*, possa ter sua perspectiva de luta contra o regime fortalecida em todas as manifestações de reação contra a super-exploração e a opressão policial do regime. Vão compreender que agindo assim, e não adotando os caminhos fáceis das ilusões pequeno-burguesas, poderão criar os *pontos de partida* para a formação do partido revolucionário da classe operária e da força de vanguarda da revolução, e que isto *não se opõe* às possíveis lutas e ações concretas que oferecem agora resultados tangíveis e *nem pode se afastar* da luta que temos que travar para enfrentar os problemas práticos mais urgentes do movimento visando a contribuir para o crescimento da luta de massas. E vão compreender que, por outro lado, fazer com que a direção operária se fortaleça na resistência popular à ditadura, fazer com que um *programa revolucionário* de lutas *penetre* nos setores mais *combativos* que se apresentam nas diversas manifestações de resistência à super-exploração e à opressão policial não representa dirigir a luta contra o movimento de oposição ou movimento pelas "liberdades democráticas", cuja base social de sustentação é a pequena burguesia democrática. Mas é o meio de lutar contra o inimigo principal, ou mais *precisamente*, é o meio de fortalecer a resistência e preparar a luta contra o inimigo principal, lutando ao mesmo tempo para *isolar* as ilusões ou as perspectivas de poder da democracia pequeno-burguesa, buscando *atrair* para posições mais conseqüentes os setores da pequena burguesia que de fato se opõem à opressão policial.

Além de expressar a maneira mecânica de como se aplica um plano de alianças estratégico e o conceito de hegemonia ao momento atual, *em segundo lugar*, as "liberdades democráticas" desempenham hoje o papel de diluir o caráter de classe das reivindicações do proletariado na luta política. Desempenham o papel de expressar a *manei*

CJM
Pasta 12
pág. 29

ra liberal de como setores da esquerda revolucionária colocam hoje o problema das liberdades políticas.

Essa maneira liberal ignora ou na prática procura ignorar o fato de que estas liberdades políticas necessitam de determinadas condições para que se efetivem e para que estejam a serviço de um caminho necessário e possível do desenvolvimento social. Em nossa realidade não há uma revolução burguesa em marcha e desse ponto de vista o problema das liberdades ou da democracia não tem razão. Entretanto, passa a ter razão de sobra e passa a ter sentido para a política se considerarmos a existência de uma ditadura policial da burguesia entre nós e que esta não é simplesmente uma forma de governo, arbitrário, repressivo e que adota medidas para rebaixar os salários, determinado por problemas ocasionais da dominação burguesa. A própria vida tem mostrado aqui e em diversos países da América Latina que, para acompanhar a evolução do imperialismo internacional, o capitalismo precisa impor a super-exploração e a opressão policial como *forma particular de dominação da burguesia*, apropriada à hegemonia do grande capital (nacional e estrangeiro) e às necessidades de se conservar e de se desenvolver a acumulação de capital na fase em que passa a predominar em países atrasados e dependentes o capitalismo monopolista. E, nada mais adequado a essas circunstâncias de conjunto da sociedade do que uma ditadura policial da burguesia para *sustentar* essa forma particular de dominação burguesa no país. Nada melhor do que o Estado aprimorar seus instrumentos de intervenção direta em toda a vida social e em particular nas lutas das massas trabalhadoras e fundir cada vez mais a burocracia militar e a tecnocracia com o poder econômico do grande capital através da participação direta nas direções de monopólios estatais e privados.

A super-exploração e a opressão policial como forma particular da dominação burguesa no país, *sustentada* por uma ditadura policial e pelo poder econômico do grande capital, *geram contradições crescentes* com amplas camadas do povo pobre, em particular com a classe operária, e *anseios* de liberdade e melhorias nas condições de vida. Nada mais justo do que nessa situação de

9

conjunto os revolucionários lutarem para que a classe mais avançada e mais revolucionária da sociedade burguesa, a classe operária, *sustente* a luta de amplas camadas do povo contra a super-exploração e a opressão policial e tenha como *primeira tarefa* na luta política a conquista da liberdade política para as massas trabalhadoras. Para conquistá-la é preciso *quebrar as bases* que sustentam a super-exploração e a opressão policial, é preciso quebrar as bases que sustentam a forma particular de dominação da burguesia na sociedade brasileira. Porque é quebrando essas bases, isto é, derrubando a ditadura militar de cima a baixo e conseqüentemente o poder econômico do grande capital, *que se realizam as aspirações de conjunto* de amplas camadas do povo e *se abre o caminho* para a transição ao socialismo.

Fazer da luta contra a super-exploração e opressão policial uma luta pela derrubada da ditadura e conquista da liberdade política para as massas trabalhadoras da cidade e do campo, de modo a que este seja o primeiro passo do proletariado na luta política a caminho de sua completa emancipação econômica e política, *não significa opor* a democracia em geral à ditadura militar ou ao regime da super-exploração e opressão policial. Não se trata do proletariado conquistar a liberdade política no bojo de uma revolução burguesa como na Rússia até 1917, mas no bojo de uma revolução que é desde seu início incompatível com as necessidades básicas do capitalismo brasileiro e da dominação burguesa no país. Desse modo, a supressão do regime de super-exploração e opressão policial e a conquista da liberdade política para as massas trabalhadoras *exigem em nossa realidade* que sejam sustentadas pela luta das próprias massas trabalhadoras, tendo à frente a classe operária, que sejam sustentadas pelas organizações de base do proletariado e que sejam *inseparáveis* da conquista de um governo revolucionário provisório, cujo papel é completar a obra de liquidação das bases do regime e da reação burguesa, permitindo que o proletariado consciente ganhe livremente o conjunto das massas oprimidas para a implantação da ditadura proletária e do socialismo.

Mesmo que o primeiro passo do proletariado na

CJM
Posta 12
Doc 29

luta política não seja ainda a implantação de sua ditadura e do socialismo mas, por outro lado, sendo a revolução em curso uma revolução antiburguesa e anticapitalista, não se pode afirmar, como afirmam muitas pessoas, que a "democracia" ou que a liberdade política a se conquistar é compatível com a dominação burguesa. Da mesma forma que não se pode falar em "democracia" ou em liberdade política no geral, também não se pode falar em dominação burguesa no geral, ou não se pode transpor imaginariamente para o país a dominação burguesa como a que existe por exemplo na Inglaterra ou na França, ou a dominação política que existia na Rússia em 1905, etc.

A derrubada revolucionária da ditadura policial da burguesia e a formação de um governo revolucionário provisório sustentado pelas lutas das massas trabalhadoras e pelas organizações de base do proletariado formam então as *condições reais* para a existência da liberdade política para as classes trabalhadoras, possibilitando ao *mesmo tempo um período de transição* para a ditadura do proletariado e para a implantação do socialismo.

Quando se trata de expressar este caminho *na prática, desde agora*, os revolucionários organizam um *conjunto de reivindicações* capazes de expressar as diversas necessidades das massas submetidas à super-exploração e à opressão policial, em particular as da classe operária, e ao mesmo tempo expressar o passo necessário a ser dado pelo proletariado na luta política para que elas *em seu conjunto sejam realizadas* ou para que a super-exploração e a opressão policial sejam abatidas de vez.

Dessa forma, essas reivindicações passam *a servir à prática política*, imprimindo uma direção e conteúdo à agitação política atual e a uma unidade política na organização da vanguarda no interior dos movimentos, e colocando dentro de uma mesma direção a nossa atividade nas diversas frentes de trabalho, quando na defesa das pequenas reivindicações e das pequenas lutas isoladas, na agitação específica dentro de uma fábrica, nas ações ao nível da prática sindical, nas reuniões onde participam camadas avançadas, nas manifestações políticas de outros setores, etc. O trabalho de agitação política e de orga

nização da vanguarda política no interior das massas, que podemos realizar no processo de nossa intervenção política ou no nosso trabalho de massas nas diversas manifestações de reação ou de descontentamento frente aos atos da superexploração e da opressão policial e nas diversas atividades dos setores combativos de massa para avançar sua organização e melhorar as condições para o crescimento das lutas de massas, *é a maneira como fortalecemos a direção operária nestas manifestações e atividades que compõem a resistência à ditadura militar.* O conteúdo e a direção dadas pelo que se pretende de mais *imediato na luta política* (o imediato na luta política não é o mesmo que resultados tangíveis possíveis de se conquistar agora numa ou noutra luta ou ação) está presente, pois, na prática política concreta e atual.

Com essas observações, procuramos mostrar de forma inicial que a maneira mecânica como se aplica ao momento um plano de aliança estratégico e o conceito de hegemonia da classe operária e a maneira liberal e espontânea de como se assimila a necessidade da luta pelas liberdades políticas *são duas fontes importantes de erros* no interior da prática revolucionária. Esses erros acumulam no interior da esquerda revolucionária ilusões da pequena burguesia e um amontoado de contradições e posições inconseqüentes. E a tal ponto que alguns chegam a dizer que o movimento das "classes médias" é o centro mobilizador das lutas contra a ditadura, o centro mobilizador capaz de fazer com que os setores mais atrasados, isto é, a classe operária, venham a participar das lutas políticas da "sociedade" (Veja jornal Independência Operária, dezembro de 75). Que a luta contra o arrocho salarial e a luta pela reforma agrária são lutas pelas liberdades democráticas (!) (Veja documento sobre Oposição Sindical da Tendência Sindical Classista). Que é nas lutas pelas liberdades democráticas que a classe operária forma a sua própria democracia! (Veja jornal Marcha Operária, dezembro de 75). Que os revolucionários devem mobilizar as massas para as lutas pelas liberdades democráticas através de palavras de ordem que, num processo ininterrupto, mobilizem as massas até o socialismo e que agora a luta pela defesa do voto popular é a

CSM Pasta 12 Doc. 29

maneira de mobilizar e de ligar as lutas operárias ainda atrasadas com a luta política geral da sociedade (Veja Campanha Nacional de Defesa do Voto Popular). Que o programa revolucionário deve se restringir ao programa máximo socialista, que hoje a alternativa da classe operária à ditadura é radical demais e cabe à tática definir então os programas parciais (veja Carta da APML à OCML-PO). Que hoje o proletariado pode conquistar a liberdade política e que ela é compatível com a dominação burguesa e que para isto deve-se agora concentrar todas as forças da revolução sobre o aspecto do regime mais acintoso e que desrespeita todos os que têm contradição com o grande capital (veja doc. Contra o Doutrinarismo e o Economismo).

Aquelas fontes mais importantes de erros no interior da esquerda vão se desdobrar e se revestir de diversas formas nas argumentações que fundamentam ou que explicam as posições políticas de diversas organizações da esquerda revolucionária. Procuraremos a seguir analisar melhor essas "diversas formas" em duas das organizações da esquerda revolucionária. Organizações estas que pela sua importância, pelos seus compromissos assumidos com a revolução socialista, por concentrarem forças no movimento operário, por buscarem aí tentar desenvolver uma prática combativa, por reconhecerem o período atual como de resistência, etc. são organizações com as quais desejamos uma maior unidade, procurando com isto fortalecer a prática de construção partidária. Estas discussões que explicitam divergências têm como objetivo principal contribuir para que elas venham a ser superadas.

O "Programa tático" e a conciliação da liberdade política para as massas trabalhadoras com a dominação burguesa

Uma dessas organizações da esquerda revolucionária define suas posições políticas a partir de seu compromisso com teses gerais referentes à revolução brasileira, que expressam o caráter proletário e socialista da nossa revolução. Tanto o documento publicado na revista Brasil Socialista nº 2, sob o título "Crítica ao

Programa Socialista para o Brasil", de Luís Antônio Tovar, como o documento também publicado nessa revista, nº 1, sob o título "Nossas tarefas atuais no movimento operário" e assinado pelo MR-8, contêm contribuições ao desenvolvimento das concepções de programa e estratégia para a revolução brasileira e um compromisso dessa tendência da esquerda revolucionária com teses básicas da revolução socialista brasileira.

Expressando esse compromisso em forma de princípios no item "Por um Brasil Socialista" e referindo-se a um outro documento aprovado por um pleno em 1972, "Teses 72", o documento "nossas tarefas atuais no movimento operário" define a tática como sendo de organização da resistência dos trabalhadores e para isto propõe um "programa de resistência". Diz este documento: "compreendendo o momento de defensiva, ligamo-nos às débeis manifestações de luta do proletariado, buscando organizá-las, unificá-las e *dirigi-las contra* o inimigo principal - a ditadura militar. Nossa tarefa atual é justamente transformar as atuais manifestações de resistência, ainda espontâneas, parciais e dispersas numa resistência ativa, unificada e *direcionada" (...)*. "Por isso levantamos o Programa de resistência, reunindo as lutas econômicas e políticas que permitem mobilizar o proletariado e forjar sua capacidade de combate". (grifos meus) (1)

O programa definido como "programa de resistência" contêm reivindicações do movimento operário, reivindicações para os assalariados agrícolas, para os camponeses e outros setores da pequena burguesia, reivindicações referentes a transformações econômicas e uma parte de política geral referente a transformações no Estado. O conjunto de reivindicações contidas no programa referente a cada setor social, principalmente o proletariado, são dirigidas para transformação no Estado e nas relações econômicas gerais que, segundo a ótica presente no programa, seriam capazes de permitir a realização das aspirações de cada setor, em particular da classe operária. Quais são estas transformações que segundo o programa *seriam capazes* de assegurar, por exemplo, o fim do arrocho salarial, congelamento dos preços e dos alu-

CJM
Pasta 12
Doc. 29

O programa revolucionario, o momento atual e o democratismo

2

CJM Pasta 12 Doc. 29

guêis, total liberdade sindical, direito de greve, liberdade de organização e manifestação aos trabalhadores, etc? Diz o programa em sua parte referente à "luta contra a ditadura militar": Pela revogação do AI-5, pela revogação da lei de Segurança Nacional, pelo restabelecimento do "habeas corpus". Contra as arbitrariedades policiais, perseguições políticas, torturas e assassinatos. Punição para todos os torturadores e responsáveis por assassinatos de presos políticos. Anistia total e irrestrita para todas as pessoas acusadas por motivos políticos. Contra a censura à imprensa e às manifestações artísticas e culturais. Por eleições diretas, livres de controle policial, com direito a voto para todos os maiores de 18 anos, com total liberdade de propaganda e igual acesso de todos os partidos aos meios de comunicação de massa". E na parte econômica geral, que tem o título de "luta contra a dominação imperialista", diz: "Luta contra a dominação e as intervenções imperialistas em todos os setores da vida nacional. Luta contra a remessa de lucros para o estrangeiro" (2).

Definindo melhor o papel e a qualidade deste "programa", dizem os companheiros em suas "Teses 72": "Primeiro, consideramos que a frente de resistência expressa uma situação de defensiva do proletariado numa época em que as forças reacionárias conseguiram reduzir a uma situação extremamente débil as linhas de defesa dos trabalhadores do campo e da cidade". (...) "Segundo, na frente de resistência vão estar presentes interesses de classes distintos. Hoje o proletariado, devido ao seu baixo nível de organização e de consciência, *não* possui força suficiente para *exercer a hegemonia* dentro dessa aliança política" (grifos meus) (3). E, no documento "Contra o Doutrinarismo e o Economismo", de Daniel Terra, os companheiros citam as próprias "Teses 72" para expressar a qualidade e também o papel de seu "programa de resistência": Nesse sentido o centro tático político geral capaz de expressar os objetivos táticos para o momento coloca-se nas lutas democráticas, anti-ditadura e anti-imperialistas" (...). "Compreender de forma revolucionária e comunista o caráter desse centro tático implica *em negar a perspectiva de transformá-lo* em luta por um *poder democrático (burguês) alternativo*, o

12

que implicaria (nas condições atuais de nosso país) em colocar a luta da pequena burguesia e setores atrasados da burguesia por um poder *anti-histórico* na vanguarda do movimento social, confundindo o proletariado e seus aliados. Compreender como revolucionário e comunista o caráter desse centro tático implica em ter clareza de que o avanço da consciência e organização do proletariado e do campesinato *o ultrapassará*, esgotando a sua *capacidade de expressar* corretamente o estágio de correlação de forças existente, e colocando a necessidade de proclamação de um centro tático mais avançado". (...) "O centro tático democrático, anti-ditadura e anti-imperialista, *materializa-se* num *programa tático*..." (4).

O programa político democrático é considerado então como "programa tático" para uma fase de defensiva, onde o proletariado não pode ter hegemonia numa frente de resistência à ditadura, mas que visa a orientar o trabalho de organização da resistência do proletariado e dirigir as manifestações de luta do proletariado contra o inimigo principal, ou seja, contra o aspecto ditatorial e imperialista da dominação capitalista no país, até que a atual correlação de forças se altere e a consciência das massas ultrapasse o caráter "democrático" deste "programa tático".

Embora levantando outras particularidades que mais à frente iremos abordar, uma outra organização da esquerda revolucionária também se comprometeu com estas questões e com o próprio "programa tático". Este programa se encontra publicado num outro documento mais recente, elaborado em conjunto pelas duas organizações que orientam a revista Brasil Socialista, sob o título "Resoluções do ativo sobre os sindicatos". E, em outro documento (carta) dirigido à Política Operária, os companheiros da APML dizem: "Uma coisa é não ter condições de impor a mudança de conjuntura a partir de uma posição revolucionária; outra coisa é não apresentarmos nenhum *objetivo parcial, tático, de luta política* dentro deste processo".(...) "Entendemos que a classe operária -que tem na ditadura militar hoje o principal obstáculo ao seu avanço- interessa isolá-la, enfraquecê-la e tentar derrubá-la com uma alternativa própria. Que, nesse pro-

cesso, entretanto, é justa a luta por *objetivos parciais* que permitem *acumular forças*, romper o imobilismo, disputar a influência em cima do movimento espontâneo, tentar a *direção* nas condições em que for viável. Neste sentido é que defendemos a resistência dos trabalhadores como forma de combate - ainda em condições *defensivas* - à ditadura militar, expressando *reivindicações parciais, de natureza democrática.* (Grifos meus) (5).

A luta por objetivos parciais, uma vez que não é possível hoje à classe operária isolar, enfraquecer e derrubar a ditadura com uma alternativa própria, é para essa organização o mesmo que lutar por uma "programa tático" de natureza democrática, para a fase de resistência ou de defensiva do proletariado, ou seja, pelo mesmo "programa tático" publicado no documento "Nossas tarefas atuais no movimento operário".

Sob o argumento de ser necessário um "programa tático", de ser necessário um programa de ação", de ser necessário lutar por "objetivos parciais" ou por "reinvidicações parciais", de que estamos num momento de defensiva e num momento onde numa "frente de resistência" à ditadura, em que existam interesses de diversas classes, o proletariado não pode ter hegemonia, essas duas organizações procuram colocar os esforços que fazem para organizar a resistência dos trabalhadores e atuam para colocar as diversas manifestações populares de descontentamentos e reações, ainda espontâneas e isoladas, à superexploração e à opressão policial na *direção* daquilo que entendem ser o aspecto mais "acintoso" e mais frágil do regime, a sua forma ditatorial e a influência do imperialismo.

Procuram defender a unidade da resistência à ditadura, procuram expressar as diversas manifestações das contradições de amplas camadas da população com a superexploração e a opressão policial e procuram "elevar" a consciência do proletariado nesta fase de resistência no sentido de uma direção política "anti-ditadura" e "anti-imperialista". Querem com isso fazer com que as massas atinjam primeiro a consciência democrática e nacionalista para que à partir da alteração da correlação de forças (isto é, à burguesia passe à defensiva e o proletariado

13

à ofensiva) seja possível superar essa consciência, fato este que permitirá à vanguarda estabelecer então um novo programa que talvez venha a expressar o "objetivo total", expressar a "consciência socialista", expressar a "hegemonia" do proletariado na luta, etc. Hoje se concentra no que representa a forma mais "acintosa" do regime; amanhã se concentrará, nessa lógica, no que representa o conteúdo mais "acintoso" da dominação!

Essas posições expressam a incapacidade dessas organizações de ligarem as tarefas de hoje aos compromissos que assumiram para com as teses da revolução socialista no Brasil. Expressam a incapacidade de colocar hoje as nossas tarefas a serviço de uma direção onde as formas "acintosas" da dominação não estejam no ar, não estejam desligadas de uma sociedade concreta ou de uma luta de classes concreta, mas estejam ligadas a elas, sejam inseparáveis delas.

Sob o pretexto de se estar na defensiva e de que o proletariado é fraco, o "programa tático" ou os "objetivos parciais", que pretendem dirigir a agitação política e as ações práticas nas manifestações que expressam as contradições das massas com a superexploração e opressão policial, expressam então, em primeiro lugar, uma separação entre as formas "acintosas" da dominação e as suas bases de sustentação reais e atuais. E com isso lançam ilusões sobre a possibilidade das massas trabalhadoras conquistarem a liberdade política e melhorias efetivas em suas condições de vida quando se puder concentrar forças da revolução sobre as formas "acintosas" que ferem uma consciência nacional e democrática em geral. Procuram fazer com que os trabalhadores identifiquem as suas contradições, os seus descontentamentos e a sua reação frente aos atos da superexploração e da opressão policial com a necessidade de transformações do Estado e nas relações econômicas gerais que, de um lado, não garantem a liquidação da superexploração e da opressão policial e que de outro, além de serem irrealizáveis agora, o seu fortalecimento pela esquerda representa fortalecer na consciência da massa avançada saídas ocasionais da burguesia, no caso desta ser obrigada a recuar com o crescimento das lutas dos trabalhadores.

CJM
Quido 12
Dr. 29

Em conseqüência disto, os companheiros precisam ao lado da defesa do "programa tático" "anti-ditadura" e "anti-imperialista", declarar que ele não deve ser utilizado para fortalecer um poder democrático-burguês considerado como perspectiva anti-histórica da pequena burguesia.

As boas intenções, no entanto, não podem com facilidade resolver à contradição de se lutar agora por um "programa democrático" e de não se fortalecer esse mesmo programa como programa de poder em alternativa à ditadura. Porque este "programa tático", ao indicar o caminho ou o rumo da luta contra o inimigo principal para que as massas possam conquistar as suas reivindicações, independentemente de nós ele atua como um programa de poder, ou melhor, ele na prática se coloca como alternativa ao regime.

Na verdade, esse "programa tático", que visa a *direcionar* as lutas ou a resistência, ainda espontânea e isolada, para a luta contra o inimigo principal, representa o foco da vacilação dessas organizações entre uma prática conseqüente de acordo com os seus compromissos com as teses gerais da revolução brasileira e a influência da pequena burguesia que lança ilusões sobre a conquista da liberdade política para as massas trabalhadoras sem que isto afete a dominação burguesa ou até mesmo sem que o proletariado sustente a luta política contra o regime.

Para tentar encobrir essas vacilações é que precisam esclarecer então que o "programa tático" será superado pela consciência das massas, que a partir da ofensiva do proletariado se deverá elaborar um novo programa mais avançado, que não se deve fortalecer um poder democrático burguês, etc. Mas, apesar disso tudo, a separação entre as formas "acintosas" da dominação e as suas bases de sustentação, expressa pelo "programa tático" ou pelos "objetivos parciais", não pode deixar de gerar as ilusões pequeno-burguesas que procuram conciliar a liberdade política para as massas trabalhadoras com a dominação burguesa. E é isto que se vê, por exemplo, no documento de Daniel Terra: "Muito bem, importa agora observar que a consciência política e a organização dos

14

trabalhadores são muito débeis. Por isso, ainda que a perspectiva segundo a qual denunciamos e lutamos contra a ditadura seja uma perspectiva proletária, ainda que façamos entre as massas a mais persistente propaganda do socialismo, ainda assim as liberdades políticas que elas efetivamente ampliarão e conquistarão, *agora*, (imprensa, organização etc.) são liberdades políticas parciais, limitadas e basicamente *burguesas, já que coesistem com a dominação burguesa*". (os grifos são do autor) (6).

Com os grifos nas palavras "agora" e "dominação burguesa", Daniel Terra quer deixar claro que a luta "anti-ditadura" e "anti-imperialista" nada mais é que a luta por uma redemocratização do regime, de natureza nacionalista e compatível com a dominação burguesa, através da qual as massas conseguirão conquistar "liberdades parciais", como a liberdade de manifestação e organização (!), ou seja, conquistarão uma ampla democracia. São na verdade os sonhos democratistas da pequena burguesia que estão aí presentes, procurando conciliar a dominação burguesa, ou o império da superexploração e da opressão policial *no Brasil de hoje*, com uma ampla democracia para as massas trabalhadoras, quando essas massas nem sequer têm hoje uma direção conseqüente, nem podem ainda se colocar à frente de uma luta política efetiva. São estes sonhos que expressam vacilações e contradições nas posições políticas, vacilações e contradições que não podem ser superadas simplesmente juntando-se às posições atrasadas declarações para que não sejam utilizadas para fortalecer o caminho que elas representam.

A que serve a confusão entre "Ponto fraco do adversário" e "elo especial"?

Daniel Terra também procura se apoiar nos ensinamentos da revolução russa para defender o "programa tático" e para defender a posição de que a "democracia" ou a liberdade política para as massas trabalhadoras no Brasil *é compatível com a dominação burguesa* e deve ser *considerada como "objetivo tático"*, "parcial", num mo-

mento em que o proletariado é fraco, não sustenta uma luta efetiva contra o regime, não pode ter hegemonia numa frente de resistência, etc.

Sem dúvida, os ensinamentos da revolução russa são da maior importância, desde que saibamos compreendê-los, sem deturpá-los ou sem querer aplicar a nossa realidade posições políticas específicas do processo daquela revolução.

Diz Daniel Terra: "Entretanto o leninismo nos recomenda que a cada momento se concentre nossas forças sobre o elo fraco da corrente inimiga, aquele ponto mais indefensável que uma vez rompido compromete toda a anterior correlação de forças". Cita então Stalin para comprovar o seu raciocínio: "Stalin em "Sobre os fundamentos de leninismo" nos diz que é preciso "saber encontrar, *em cada momento dado*, na cadeia de processos aquele elo especial, agarrando-se ao qual se pode dominar toda a cadeia e preparar as condições para o êxito estratégico" *e que se deve* "concentrar contra o ponto vulnerável do adversário as principais forças da revolução". E continuando, diz Daniel Terra: "Muito bem. Ao nível político não é o *aspecto ditatorial* do atual regime, a maneira aberta e *acintosa* com que *desrespeita* os interesses de todos os outros setores sociais que *parcialmente* ou *totalmente* tenham contradições com o grande capital ...? (grifos meus) (7).

Para quem lê com pouca atenção o texto acima, parece que Stalin, apoiado nos textos de Lênin, estaria dando cobertura à idéia de se ter a cada momento um "programa tático". De que um "programa tático" deveria expressar uma "aliança" das forças da revolução (do ponto de vista da estratégia) em cada momento, *independentemente* de quem sustente essa "aliança" e *independentemente* do objetivo político em relação ao poder que conduz ou dirige essa "aliança" no combate ao inimigo. E de que esse "programa Tático" deveria expressar a maneira pela qual os revolucionários, para não serem sectários, conciliam um programa revolucionário com o programa ou com a direção política que predomina num determinado momento na oposição da "sociedade" ao regime. Claro está que, aqui e agora, entre todos aqueles que sintam sua consci-

ência nacional e democrática em geral desrespeitada e tenham qualquer tipo de contradição com o grande capital, predominam os ideais da democracia pequeno-burguesa. Para agora imaginar no plano teórico a concentração de todas as forças da revolução sobre o inimigo, naturalmente que é preciso então conciliar o programa revolucionário com uma direção ou programa que predomina nessa oposição da "sociedade" ao regime.

Essa primeira impressão com a leitura do texto citado se deve à confusão que Daniel Terra faz entre dois conceitos, um o de "elo especial", utilizado no campo da tática, outro, o de "ponto fraco do inimigo", utilizado no campo da estratégia. E, para ajudar nessa confusão, é que Daniel Terra cita dois trechos de Stalin juntos e incompletos, trechos que foram retirados, do texto escrito por Stalin, de itens diferentes, o primeiro do item sobre direção tática e o segundo do item sobre direção estratégica.

Vejamos o que disse Stalin no trecho referente à direção estratégica e do qual Daniel Terra só citou a parte que colaborava com o seu raciocínio: "Concentrar contra o ponto mais vulnerável do adversário as principais forças da revolução, *no momento decisivo*, quando a revolução *já está amadurecida*, quando a *ofensiva* caminha a toda velocidade, quando a *insurreição* bate à porta, quando *o aproximar das reservas* na vanguarda constitui uma condição decisiva do êxito". (grifos meus) (8). Para Stalin, assim como para a teoria leninista, o ponto fraco que se deve atacar *no momento decisivo* com todas as forças da revolução (classes que compõem o bloco do lado da revolução; o proletariado e as reservas, a aliança das massas trabalhadoras e oprimidas sob a direção do proletariado) *é o ponto fraco de uma situação de conjunto*, fraco porque representa a força de uma ordem política e econômica e ao mesmo tempo o principal obstáculo para o avanço da revolução ou do desenvolvimento social.

A estratégia (segundo Mao) nada mais é que o estudo das leis que se aplicam à condução da guerra (ou da revolução) *em seu conjunto*. E Stalin diz, apoiado nos textos de Lênin, que para cada *situação de conjunto* ou

para cada *etapa da revolução* se fixa uma estratégia que, entre outras coisas, determina: a) o objetivo capaz de alterar a situação de conjunto da luta de classes em sua atual etapa, objetivo este que se contrapõe ao ponto fraco do adversário numa situação de conjunto, contra o qual se deve *no momento decisivo* concentrar *todas as forças* da revolução; b) um plano de alianças, isto é, quais são as forças, classes ou setores sociais que, na revolução em curso, são aliados da força principal desta revolução, isto é, do proletariado; c) a atitude do proletariado revolucionário em relação às "reservas", ou seja, aos aliados estratégicos, e em relação à força política que busca impedir essa aliança, que busca isolar o proletariado revolucionário do conjunto das massas oprimidas enganando-as com promessas e fazendo o jogo da reação.

Quando falamos então que o nosso objetivo é liquidar de vez com a superexploração e opressão policial, ou seja, derrubar a ditadura policial da burguesia e substituí-la por um governo revolucionário provisório sustentado pela luta das massas trabalhadoras e pelas organizações de base do proletariado, estamos falando da *condução* da luta que interessa à classe operária. Isto é, estamos falando do objetivo e da direção capazes de colocar o proletariado à frente da luta, de fazê-lo atrair seus aliados e de isolar ou fazer cessar as vacilações da democracia pequeno-burguesa (liberais em geral) para que seja possível concentrar as forças da revolução *no momento decisivo* sobre o *ponto fraco do adversário* - a superexploração e a opressão policial.

Um programa político consequente vai então expressar essa linha de condução da luta em seu conjunto e para isso vai adotar uma série de reivindicações (parte prática do programa) que em seu conjunto correspondem às necessárias modificações no Estado das classes dominantes de modo a cumprir as necessidades políticas e econômicas de amplas camadas do povo; vai expressar a aliança do proletariado com outros setores oprimidos e uma linha que visa a atrair esses setores oprimidos e isolar ou fazer cessar as vacilações das forças liberais (que tomam a forma de populismo, democratismo, reformis

16

mo burguês, etc.) a fim de que seja possível fortalecer o bloco da revolução na direção do objetivo estratégico próprio a uma situação de conjunto ou a uma etapa da revolução.

Por outro lado, esse programa vai agir no plano da prática imediata impondo-lhe, de acordo com as particularidades do momento, a linha de condução da luta em seu conjunto. Quando então os revolucionários lutam na prática imediata para enfrentar as fraquezas do movimento, para enfrentar as fraquezas particulares da revolução, para defender as necessidades mais urgentes das massas, eles lutam também pelo futuro do movimento. É isto que Lênin procura expressar, por exemplo, quando fala do programa político e da prática imediata o seguinte: "...faz falta um programa (se referia ao programa político do partido) que deve expressar nossas idéias fundamentais, fixar com exatidão nossas *tarefas políticas imediatas*, assinalar as *reivindicações mais próximas* que são as que devem *determinar o conteúdo* do nosso trabalho de agitação, dar-lhe *unidade*, estendê-lo e aprofundá-lo, e convertê-lo, de *agitação parcial* e fragmentária, em favor de pequenas reivindicações, desligadas umas das outras, em uma *agitação pelo conjunto* de todas as reivindicações social-democratas". (grifos meus) (9)

As tarefas políticas imediatas e as reivindicações mais próximas que compunham o programa mínimo do Partido Social Democrata Russo expressavam o caminho necessário da revolução russa do ponto de vista das necessidades do proletariado e do desenvolvimento social e que, segundo Stalin, eram até fevereiro de 1917: derrubar a autocracia, liquidar de vez com a ordem pré-capitalista e feudal, atrair os camponeses para o lado do proletariado e isolar a burguesia liberal (10). As "reivindicações mais próximas" e as "tarefas políticas imediatas" do proletariado *não se subordinavam* então a um momento, a um período particular da revolução, mas expressavam a própria linha de condução da revolução que deve se colocar presente em cada momento não através de "programas táticos" ou de "miniaturas" de estratégia, *mas através* de formas de luta e organização *apropriadas* ao momento e que procuram servir à defesa das necessida

CJM
Pasta 12
Doc. 29

APRESENTAÇÃO DO BOLETIM

Uma das primeiras tarefas do militante revolucionario no exilio, é a de manter-se informado do que se passa no seu pais, de maneira a poder dar o seu aporte politico e orgânico, e de impedir a sua cristalizaçao politico-ideologica. Para cobrir esta tarefa, os revolucionarios brasileiros no exterior contam com inumeros recursos: farto material da imprensa burguesa, as revistas brasileiras publicadas no exterior, algumas publicaçoes recebidas ocasionalmente do interior ou a imprensa republicada aqui, etc.

Com base a estes materiais, se desenvolve hoje na colonia brasileira uma intensa luta ideologica e politica, assim como diversas iniciativas de luta e de solidariedade com a resistência dentro do pais.

Uma grande lacuna porém, faz com que este debate nao se desenvolva em compasso com o que ocorre no interior: 1 - a falta de acesso a informaçoes da luta clandestina e subterrânea; 2 - a falta de acesso a materiais de tendências e organizaçoes que nao se encontram representadas no exterior, assim como determinados materiais que ficam no campo interno das Organizaçoes.

E compreendendo esta lacuna, que afeta em particular uma reserva estratégica de quadros partidarios que sao os militantes inorganizados, que tomamos a iniciativa de publicar este boletim de tiragem restrita.

Nele deveremos republicar documentos e em segundo plano informaçoes como uma pequena colaboraçao ao preenchimento daquela lacuna, dirigida aos militantes de Organizaçoes revolucionarias, e companheiros que sem estar no momento ligados a nenhuma Organizaçao, sao quadros partidarios e reservas com que devera contar o futuro partido da revoluçao.

CJM Pasta 12 DI 29

des imediatas do movimento e à preparação de seu futuro.

Se não queremos correr o risco de cair em práticas internistas ou em práticas reformistas e liberais, devemos ver que o "momento atual" é uma parte ou particularidade da situação de conjunto, que esta não se reduz a um período onde predomina a falta de um partido revolucionário, ou a defensiva ou o recuo. Ainda que estas questões da máxima importância para a prática política, elas isoladamente não expressam a situação de conjunto de uma luta de classes. Não é o fato de o curso da revolução exigir em determinado momento uma defensiva em relação aos ataques do inimigo ou um recuo da luta política que isso implica numa mudança da estratégia, do objetivo estratégico ou da linha de condução do proletariado. Se assim fosse, teríamos que transformar qualquer programa político de hoje num instrumento de luta ideológica ou num instrumento que se dobra ao atraso do proletariado, pensando com isso em criar primeiro um partido, ter primeiro um exército, para depois ter uma estratégia e tática voltadas para a prática e a política, ou então primeiro conquistar a democracia burguesa para depois travar a luta política do proletariado pelo governo revolucionário dos trabalhadores.

Combatendo as perspectivas de que em nenhum caso o exército vermelho ou as revoluções deveriam recorrer à defensiva, isto é, que em nenhum caso a estratégia ou a linha de condução em uma situação de conjunto, em uma revolução, deveria permitir a defensiva ou o recuo, deveria permitir uma fase *de defesa em relação* aos ataques de inimigo ou a uma fase *de recuo em relação à* luta política direta pelo objetivo estratégico, disse Mao: "A primeira das duas afirmações precedentes (se refere à afirmação de que as revoluções e as guerras revolucionárias são sempre ofensivas), que poderia ser justa no domínio político, se a transpomos para o domínio militar torna-se falsa. *E mesmo no domínio político*, ela só é justa em condições determinadas (quando *a revolução progride)*, mas se a aplicamos a outras condições (quando a revolução está em perigo de recuo: recuo parcial como na Rússia de 1906 e na China de 1927, recuo parcial como na Rússia depois da conclusão do tratado de

Brest Litovsk em 1918), ela torna-se igualmente falsa". (gritos meus) (11)

Mao aborda então o problema da direção estratégica e afirma, utilizando-se da experiência da revolução russa, que também no domínio político a linha de condução da luta em seu conjunto *comporta* e deve corresponder também a fases de defensiva ou de recuo da luta. Isto quer dizer que a linha de condução, ou um programa político e uma estratégia, *não mudam* conforme mudam os momentos, conforme estes momentos obriguem a uma fase de defensiva ou uma fase de recuo. Isto porque Mao considerava a tática como uma parte da estratégia e servindo a ela e considerava que a derrota do inimigo dependia da condução da luta em seu conjunto e não de uma soma de vitórias táticas.

O exemplo de Mao em relação à revolução russa comprova de modo claro o fato de uma estratégia e um programa político consequente serem a direção presente nos diversos momentos, mesmo nos de recuo ou nos de defensiva, através de formas de luta e de organização apropriadas ao momento. O recuo geral a partir da derrota da revolução de 1905, na Rússia, do ponto de vista da estratégia, correspondia a um recuo do combate direto que se travava pelo poder, pelo objetivo estratégico, pela realização na prática do programa do partido social-democrata russo. Apesar do avanço da contra-revolução e apesar de todas as pressões para que o partido abandonasse a sua estrutura de combate e rebaixasse a sua agitação política ao nível do que seria compatível com os liberais, os bolcheviques consideravam necessário passar a outras formas de luta e organização de modo a recuar com menos perdas e de modo a acumular forças para uma outra situação favorável. Mas consideravam também ser essencial manter a estrutura clandestina e de combate do partido e manter a agitação política. E isto foi durante um longo tempo uma linha de demarcação entre revolucionários e liquidacionistas, entre revolucionários e reformistas. A defesa da agitação política, voltada contra as bases de sustentação do regime, e da estrutura clandestina era naquelas circunstâncias a manifestação prática de uma linha de condu-

17 V

CJM
Pasta 12
Dr. 29

ção da luta em seu conjunto através da combinação do trabalho ilegal e do trabalho legal, inclusive a utilização das Dumas (parlamento) como tribuna para a agitação política. Tanto ao adotar a forma de luta parlamentar como ao adotar acordos em relação a essa forma de luta, estava presente para os bolcheviques a linha de condução da luta em seu conjunto, estava presente ali pela necessidade de fortalecer a agitação política e de conservar e fortalecer a estrutura clandestina e de combate do partido. Vejam, por exemplo, o que Lenin dizia sobre os liberais da época em relação a agitação política nas campanhas eleitorais e em relação aos acordos no interior das Dumas:

"De um modo geral, o reformismo consiste nisto: as pessoas se contentam em fazer a agitação para as mudanças que não exigem a supressão das bases essenciais da velha classe dominante, para as mudanças compatíveis com a manutenção destas bases. A jornada de 8 horas é compatível com a manutenção do poder do capital. Os liberais russos, para atrair os operários, estão dispostos por si mesmos a defender (na medida do possível) esta reivindicação. Quanto às reivindicações para as quais o Lutch - Jornal dos Mencheviques - não quer "fazer agitação", elas são incompatíveis com a manutenção das bases do regime feudal, pré-capitalista" (12)

"No quadro da política na Duma onde não são colocadas diretamente as questões mais importantes da atividade *fora* da Duma acordos com o grupo dos sete deputados operários liberais são possíveis e desejáveis"(...) "Não se deve esquecer, contudo, que de seu ponto de vista, o grupo fora do partido entende por acordos algo totalmente diferente do que o que entendem ordinariamente por isto os homens do partido. Para aqueles que não são do partido, fazer um "acordo" na Duma é *"elaborar"* uma resolução ou uma linha tática. Para aqueles do partido o acordo é uma tentativa para arrastar os outros para a aplicação da linha do partido".(13)

A linha de condução expressa pela estratégia e pelo programa político, em particular em sua parte prática (tarefas políticas imediatas e reivindicações mais próximas) estava pois presente na prática imediata du-

18

sente todo o curso da revolução russa. O programa político e a estratégia determinados pela situação de conjunto se aplicavam em cada momento por meio de formas de luta e organização adequadas ao momento. Era isto que Lenin também defendia quando lutava, por exemplo, em 1895 para que o partido pudesse ter um programa político para que ele servisse de ponto de união aos operários conscientes, de bandeira a um partido combativo e de direção e conteúdo à agitação política. Quando lutava em 1902 (Que Fazer) por uma organização de combate para que se pudesse em outra ocasião dirigir o assalto à fortaleza inimiga...

Quando Daniel Terra precisa teorizar sobre a "aliança" apropriada à "hegemonia" da democracia pequeno-burguesa e sobre um "programa tático" que concilia os interesses de classe do proletariado na luta contra o regime com o programa da democracia pequeno-burguesa, ele precisa então deformar os ensinamentos da revolução russa. Ele precisa defender uma "mediação" entre a estratégia e o programa político do proletariado, apropriados à atual situação de conjunto da luta de classes, e a prática imediata, ou seja, a própria tática. Ele precisa confundir conceitos relativos à direção estratégica com conceitos relativos à direção tática. A teoria que Daniel Terra formula para justificar os erros das posições que defende nada mais expressa que uma submissão ao atraso do proletariado e à influência política da democracia pequeno-burguesa, nada mais expressa do que um raciocínio gradual, atrasado e imediatista. E acaba por considerar que o desenvolvimento da luta de classes corresponde na prática política a um avanço gradual dos programas políticos, de conjuntura para conjuntura, a um avanço gradual da consciência política e à um avanço gradual na luta política, de modo a que se expressem objetivos que visam pouco a pouco a destruir o inimigo!

A teoria com que Daniel Terra expressa a sua prática ou as posições políticas que defende pretende então que a cada momento, ou a cada tática, se defina um programa político capaz de expressar o desejo de se realizar em cada momento a concentração das forças da revolução sobre o ponto fraco do adversário. Pretende que

18 v

CJM Pasta 12 Doc. 29

a cada momento as tarefas dos revolucionários estejam a serviço da melhor forma de conciliar as necessidades do proletariado com o programa da força política que exerce influência na oposição ao regime, para desse modo se travar uma luta política "parcial" e interpretar a "aliança" e o objetivo em relação ao poder do agrado das forças políticas que ocasionalmente exercem influência na oposição ao regime.

Vejamos agora de forma mais cuidadosa o que representa o *"elo especial"* na teoria e na prática revolucionária. Stalin, em seu artigo sobre "estratégia e tática", do livro já citado, procurava mostrar que esse conceito está ligado ao campo da tática, ou da direção tática da luta, e que está a serviço de uma linha de condução da luta em seu conjunto. Ele não tomava o "ponto fraco do adversário" como o "elo especial" do momento e ao qual se deve agarrar com todas as forças para *preparar* o êxito estratégico. Lenin disse: "Não basta ser revolucionário e partidário do socialismo e do comunismo em geral. Deve saber encontrar-se em cada momento o elo especial da cadeia a que se deve agarrar com todas as forças para dominar toda a cadeia e preparar solidamente a passagem ao elo seguinte".(...) *"No momento atual*, este elo é a *reanimação do comércio interno* regulado com acerto pelo Estado" (grigos meus) (14) Ainda sobre o mesmo tema, Lenin disse: "Toda a arte de um político consiste precisamente em encontrar e agarrar-se com força, precisamente a um pequeno elo que menos lhe possa ser arrancado das mãos, que seja o mais importante *num dado momento* e que melhor garanta a seu possuidor a posse de toda a cadeia. Se tivéssemos um destacamento de pedreiros espertos que trabalhassem de um modo tão harmônico que mesmo sem um prumo pudessem colocar as pedras em seus devidos lugares,então, talvez, pudéssemos agarrar-nos também a um outro elo" (grifos meus) (15)

Lenin se refere com esta última imagem à necessidade de construir um *jornal político clandestino* para toda a Rússia; este era o "elo especial" a que, *naquele*

momento, se deveria agarrar para enfrentar a dispersão dos círculos, a falta de uma agitação política unificada, a falta de um instrumento que servisse à formação de uma sólida organização de combate do proletariado. Como o comércio, a formação deste jornal são *tarefas principais colocadas pelas conjunturas de modo a se enfrentarem fraquezas do lado da revolução* (e que desse ponto de vista significam enfraquecer o lado da contra-revolução), *tendo como direção a necessidade de se preparar forças para nos momentos decisivos se concentrar sobre o ponto fraco do inimigo.*

Quando em 1902 lenin defendia como tarefa principal em termos de tática a formação de um jornal clandestino para toda a Rússia, tarefa esta que *no campo da tática* visava a unificar o trabalho dos círculos e formar uma organização de combate, ele não só combate os que achavam que o *momento era de assalto*, era de concentração de forças sobre o ponto fraco do inimigo, do ponto de vista da estratégia, mas também combatia os que contrapunham a luta por resultados tangíveis, a "luta econômica contra os patrões e o governo", luta esta que também buscava conquistar direitos políticos ligados às necessidades econômicas, combatia então os que contrapunham isso à agitação revolucionária baseada nos fatos políticos e *dirigida* contra as bases de sustentação do regime. Ao contrário dos economicistas e dos terroristas que pretendiam atacar o poder, uns com a luta econômica contra os patrões e governo e outros com o terror, Lenin, que também defendia os apelos às ações concretas que defendia a agitação econômica, a necessidade da luta econômica dos trabalhadores, etc., mas para se manter fiel à estratégia, a uma condução da luta e a um programa político do interesse de classe do proletariado(e não um"programa tático"), lutava antes de tudo para que as diversas manifestações de luta contra os patrões e os atos do governo e as diversas manifestações de opressão se dirigissem para uma agitação política unificada de modo a colocar presente no momento e na prática concreta *o objetivo e o rumo da luta*, de modo a avançar a consciência política e formar uma organização de combate.

Em 1902, o "ponto fraco do adversário" era o re

gime pré-capitalista e feudal, como continuou sendo até fevereiro de 1917. Mas em 1902, *a fraqueza da revolução* estava na dispersão dos círculos e na falta de uma organização de combate e o *elo especial* ou a tarefa principal era então naquelas circunstâncias a construção de um jornal clandestino para toda a Rússia. Esta tarefa não buscava concentrar todas as forças da revolução sobre algum aspecto "acintoso" da dominação. Buscava preparar condições para o "êxito estratégico", buscava enfrentar a principal fraqueza da revolução para que se pudesse passar a tarefas mais elevadas e se pudesse estar preparado para os momentos decisivos. Essa tarefa era naquelas circunstâncias a forma de enfrentar a maior fraqueza da revolução e ao mesmo tempo a forma de colocar na prática a alternativa do proletariado, a sua bandeira de luta, o seu programa político.

A preocupação de definir um "elo especial" capaz de representar na conjuntura a forma de luta e organização mais importante para enfrentar a fraqueza do lado da revolução e "preparar o êxito estratégico" e de modo a expressar no momento a linha de condução da luta em seu conjunto está presente nas obras de Lenin nos diversos momentos da luta de classes. E se expressa nos diversos momentos tanto pela defesa das tarefas imediatas do proletariado na luta política e das reivindicações mais próximas, como na defesa das formas de luta e organização apropriadas. Em 1905, em Duas Táticas, Lenin não só defende a estratégia e os objetivos do programa do partido combatendo o democratismo ou liberalismo político, como trata de determinar para *o momento do ascenso revolucionário* a forma de luta principal e que visava fortalecer a revolução de modo a dirigí-la sobre o ponto fraco do inimigo, Considera então que o ponto fraco da revolução estava na organização da insurreição e que a tarefa principal consistia em fazer da insurreição o centro do trabalho político de organização, agitação e propaganda. A organização e a direção da insurreição eram a maneira pela qual se poderia lutar naquelas circunstâncias pela defesa da estratégia e do programa de modo a preparar o êxito estratégico, êxito esse *possível* de se realizar naquele momento de ofensiva revolu

cior. ia. A mesma preocupação está presente, por exemplo, após a revolução de fevereiro de 1917. Em "Cartas de longe", Lenin chama a atenção para o fato de que o ponto fraco da revolução estava naquele momento na intoxicação do movimento pelas ilusões democratistas e de que a tarefa mais importante (elo principal) consistia em desenvolver entre as massas um paciente trabalho de esclarecimento.

Em cada momento lutamos, numa etapa da revolução, por uma mesma linha de condução ou por um mesmo programa e uma mesma estratégia. Os momentos de fluxo e refluxo do movimento *impõem* a essa linha de condução as *condições reais* de sua aplicação e de seu próprio desenvolvimento, impõem as particularidades para a sua presença na prática imediata.

O exame da situação atual ou da conjuntura segundo o ponto de vista de uma linha de condução da luta em seu conjunto, expressa por um programa e pela estratégia revolucionária, serve de base à determinação da fraqueza mais importante do lado da revolução e do caminho prático para a sua superação. Entre as formas de luta e organização ou entre as tarefas necessárias num determinado momento, uma se destaca no enfrentamento da fraqueza mais importante do lado da revolução. Este "elo especial" ou esta tarefa principal é aquela que os revolucionários podem agarrar de imediato, está ao alcance da prática política num momento e que uma vez agarrada serve para o cumprimento de uma série de outras tarefas e para a superação da fraqueza que o maior obstáculo cria para o desenvolvimento da luta e para a preparação do êxito estratégico. Este "elo especial" é a melhor forma de *articular* um conjunto de tarefas que enfrenta a fraqueza atual e mais importante do lado da revolução e ao mesmo tempo é a melhor forma num dado momento de se *expressar* ou de criar melhores condições na prática para estar nela presente a linha de condução da luta em seu conjunto, isto é, a direção, o caminho e o conteúdo que esta linha impõe durante toda a revolução em seu curso.

Qual é a principal fraqueza do lado da revolução expressa pelas posições políticas que Daniel Terra

2-10v

procura defender? Diz o documento "Nossas tarefas atuais no movimento operário":"Aí apontamos para o principal problema da Revolução Brasileira hoje: a crise da direção revolucionária. Aí colocamos claramente a tarefa central dos comunistas - a construção do Partido." (16) Do lado do movimento, esse documento considera como *tarefa tática principal* a organização da resistência dos trabalhadores e como fraqueza do movimento as suas reações frágeis e isoladas. Diz:"Portanto, a espinha dorsal de nossa tática consiste em organizar a resistência dos trabalhadores à ditadura militar"(...) "Compreendendo o momento de defensiva, ligamo-nos às débeis manifestações de luta do proletariado, buscando organizá-las, unificá-las e dirigí-las contra o inimigo principal - a ditadura militar"(17)

Dizer que há uma crise de direção, divisões e fraquezas das esquerda revolucionária e que a construção do partido é a maneira de resolvê-la, assim como é a maneira de resolver a fraqueza do movimento, é dizer o óbvio quando se trata de uma realidade onde ainda não existe um partido revolucionário. O único avanço que representa essa generalidade é tentar superar a oposição entre a luta armada e partido ou o total desprezo pela construção partidária por parte dos militaristas. A tarefa principal no campo da tática que se *impõe* nas posições políticas dos companheiros é a organização da resistência dos trabalhadores direcionada contra o inimigo principal segundo um programa político "anti-ditadura" e "anti-imperialista". É esta tarefa que pretende enfrentar a fraqueza da esquerda e a fraqueza do movimento, segundo as posições e a prática dos companheiros desenvolvem. Ela expressa na prática não a vontade de solucionar a crise de direção pela "gestação" teórica de um programa socialista, mas de *solucioná-la* através de *uma prática sob a direção* de um programa democrático.

Quando Daniel Terra esclarece e aprofunda o sentido democratista das posições que defende, quando o documento (carta) da APML abandona um programa de transição e o governo dos trabalhadores, nada mais fazem do que refletir a prática real em desenvolvimento sob a direção de um programa democrático. E por isso, a prática

21

efetiva pouco tem a ver com o documento de Luís Antônio Tovar ou com as declarações e compromissos feitos em relação a princípios e teses gerais sobre a revolução brasileira.

Desse modo, o que se pode interpretar das posições definidas nos documentos oficiais é que a maneira de se resolver a fraqueza do movimento e a fraqueza da esquerda, ou seja, a maneira de se resolver a fraqueza da revolução está na fusão entre "elo especial" (organização da resistência) com o "ponto fraco do inimigo" (formas "acintosas" do regime) através de um programa democrático. É dirigindo a organização da resistência à ditadura *para uma luta política* de natureza democrática e nacionalista e é conciliando os interesses do proletariado com o programa da democracia pequeno-burguesa que os companheiros procuram de fato *levar à prática* o que desejam: construir o partido.

Nada mais justo do que buscar organizar a resistência dos trabalhadores à ditadura. Afinal, organizar a luta dos trabalhadores é sempre uma das preocupações principais de qualquer organização política. Deixada assim a tarefa principal, ela passa a desempenhar o papel de uma palavra de ordem que tanto pode servir a uma prática conseqüente como a uma prática inconseqüente. *Antes de tudo*, é necessário dizer que devemos fortalecer a direção operária na resistência à ditadura. *E não* organizar a resistência dos trabalhadores voltada para o ataque às formas "acintosas" do regime e sob uma direção política que concilia as reivindicações operárias com um programa da democracia pequeno-burguesa.

A primeira palavra de ordem - fortalecer a direção operária na resistência à ditadura - coloca presente na prática atual uma linha de condução da luta em seu conjunto, de acordo com os interesses da classe operária e do desenvolvimento social. Ela expressa o fato de que a situação do proletariado *impõe* ao conjunto da luta de classes um período de defensiva ou de resistência se compreendemos que somente a classe operária poderá sustentar uma luta política conseqüente contra o regime e pela liberdade política para as massas trabalhadoras. Ela expressa o fato de que nesse período de resistência

21 V

CJM
Porto 12
Dez. 29

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO

Nesse primeiro numero de nosso "Boletim do MEP", secao exterior", reproduzimos o documento "O PROGRAMA REVOLUCIONARIO O MOMENTO ATUAL E O DEMOCRATISMO", publicado no nº4 da Revista Teoria e Pratica (a revista que foi apresentada no numero 1 deste mesmo Boletim).

O artigo escrito pelo companheiro JOSE CARLOS DE MELO em junho de 1976, submete à uma critica as posiçoes que os camaradas do MR-8 e da Açao Popular defendiam naquele momento, e ainda defendem hoje em sua maior parte.

O artigo critica os limites e significado da palavra de ordem de "liberdades democraticas" procurando analisar o método de analise e de elaboraçao politica destas Organizaçoes. Neste sentido sao criticadas as concepçoes destas Organizaçoes referentes aos conceitos de "estrategia", "tatica", "programa maximo e programa minimo", "centro tatico", "ponto fraco do adversario","reivindicaçoes parciais e objetivos parciais", etc. Partindo desta critica metodologica, o companheiro desenvolve uma critica ao democratismo.

O camarada se referencia nos textos: "Tatica" (extraido das Teses do pleno de 72 do MR-8), "Nossas tarefas atuais no Movimento operario" (documento do MR-8 publicado em BS-1), "Contra o doutrinarismo e o economismo" (MR-8, publicado em BS-4) e na "Carta da APML à OCML-PO (AP publicada em BS-6).

As posiçoes expostas no artigo do camarada José Carlos de Melo, avançam uma série de questoes em relaçao as resoluçoes aprovadas na Conferencia do MEP em inicio de 1975. Posteriormente, apoiado no desenvolvimento recente do movimento de massas, o MEP desenvolve, aprofunda e retifica uma série de elementos de suas posiçoes aprovadas naquela Conferencia e submete o democratismo a uma critica no campo da tatica e de sua pratica concreta, do mesmo modo que precisa e aprofunda a tatica da Organizaçao e suas proposiçoes politicas para o periodo.

Outros documentos de critica ao democratismo que se pode ter acesso aqui no exterior sao: o artigo da Revista Teoria e Pratica nº4 "O Proletariado Consciente e as Liber

4

CJM
Porto 12
DC 29

devemos *acumular forças* para a luta política que interessa ao proletariado. E, finalmente, expressa o fato de que devemos impulsionar a resistência ativa à ditadura militar, devemos lutar para o crescimento das lutas que resistem a aspectos da intervenção do regime e dentro delas fortalecer a direção operária, isto é, dentro delas lutar também pelas posições mais avançadas em relação à luta política e para que a classe operária venha a sustentar a resistência e a luta política contra o regime.

Por outro lado, a segunda palavra de ordem - organizar a resistência dos trabalhadores (voltada contra as formas "acintosas" do regime, voltada para a conquista das liberdades democráticas compatíveis com a dominação burguesa) - *está identificada* com o movimento pelas liberdades democráticas. Embora considerem a organização da resistência como acumulação de forças, na prática essa acumulação de forças não expressa a presença de uma linha conseqüente de condução da luta. Pelo contrário, essa acumulação de forças nada mais é que uma *etapa democrática* onde o ataque ou a luta política "parcial" é dirigida pelo movimento pelas liberdades democráticas sob "hegemonia" da democracia pequeno-burguesa. Pensam então que *nessa* "luta política" da "sociedade", o proletariado *poderá* acumular forças e, uma vez aberta a porta da democracia pela pequena burguesia, poderá passar à ofensiva, isto é, à luta política pelo poder.

A primeira palavra de ordem - fortalecer a direção operária na resistência à ditadura - está a serviço de uma luta que visa a enfrentar de maneira conseqüente a *principal fraqueza* do lado da revolução no momento atual. *Esta fraqueza* está na dispersão da camada avançada do movimento operário e no nosso atraso em nos ligar de forma mais sólida com o movimento operário. É essa fraqueza antes de mais nada que cria os maiores obstáculos para o fortalecimento da esquerda revolucionária, para que se desenvolva a luta de resistência da massa trabalhadora e para que se fortaleça nela a direção operária. A dispersão da camada avançada da massa trabalhadora é um fator de atraso para uma atividade sin

prática combativa e conseqüentemente para o crescimento da luta atual. A fraqueza de nossa presença ou o nosso atraso na ligação com o movimento operário é um fator que impede ou enfraquece uma direção política conseqüente às lutas e atividades atuais das massas e setores avançados. Estes dois aspectos representam a *fragilidade* em que se encontra a resistência à ditadura, tanto do lado do crescimento das lutas de resistência das massas trabalhadoras, como do lado da direção política conseqüente.

Hoje não há um ascenso generalizado das lutas de massas dos trabalhadores, nem mesmo pelas suas necessidades econômicas imediatas. Ao intervir ao nível das próprias relações de trabalho, a ditadura coloca fora da lei até as lutas dos trabalhadores em defesa de suas necessidades econômicas imediatas. Isto impõe obstáculos grandes ao desenvolvimento *espontâneo* da luta de massas. Pesa então do lado do movimento para o crescimento da luta de resistência da massa trabalhadora a fraqueza das atividades desenvolvidas dentro do movimento por lideranças e setores avançados da massa. Esta fraqueza se expressa dentro do movimento pela dispersão das camadas avançadas, pela falta de uma organização por fábrica, pela predominância de um sindicalismo burocratizado e controlado pelo governo.

Para enfrentar esses problemas, para enfrentar a dispersão da massa avançada frente à uma prática sindical combativa e para enfrentar o atraso e a fraqueza de nossa presença no movimento operário e, conseqüentemente, a fraqueza da direção operária no conjunto da resistência à ditadura, é que caracterizamos como "elo especial" ou *tarefa principal* a intensificação de nosso trabalho combativo de oposição sindical nas fábricas, nos sindicatos e nos bairros. Porque é essa *forma de luta* mais importante que pode agora *combinar* a necessidade de superar o nosso atraso na ligação com o movimento operário com a necessidade de superar a dispersão da camada avançada frente a uma prática sindical combativa. E, desse modo, pode contribuir para uma *maior unidade* da camada avançada de operários, frente aos problemas práticos mais urgentes do movimento, e para o crescimento da lu-

22V

CJM
Pasta 12
Doc. 29

ta de resistência das massas trabalhadoras. Pode contribuir para se desenvolver na luta por um sindicalismo combativo as *formas iniciais* de organização independente. Pode contribuir para *ampliar* o campo para o nosso trabalho político de agitação, propaganda e organização, voltado para a formação de bases políticas e áreas de influência política, ligadas ao movimento e às práticas nele existentes. Pode contribuir então para que uma maior número de operários *se unam* em torno do programa e da alternativa da classe operária, passem a sustentar dentro do movimento a bandeira da luta política do proletariado e passem a ser *os pontos de partida* da formação da consciência política do proletariado e da formação do partido revolucionário.

Essa forma de luta ou essa tarefa mais importante agora nos ajuda a enfrentar a nossa fraqueza dentro do movimento e cria a partir disso melhores condiçoes para que possamos fortalecer a direção operária na resistência ao regime da superexploração e opressão policial.

É buscando então fortalecer a direção operária na resistência à ditadura ou é buscando fortalecer os interesses de classe do proletariado na resistência à ditadura que podemos desenvolver as nossas posições políticas, os debates com a esquerda e a luta por uma unidade política em torno de um programa revolucionário. *Separar* essas questões daquela prática para desenvolver o lado "teórico" no sentido socialista e o lado "prático" no sentido democrático é abandonar aquela prática por outra que fortalece a direção da democracia pequeno-burguesa na resistência à ditadura, achando que com isto está atacando "parcialmente" o inimigo e criando condições para *a partir daí* o proletariado se colocar à frente, superar a consciência democrática em geral e passar à sua verdadeira luta política.

As "reivindicações parciais" e "objetivos parciais" em oposição à alternativa da classe operária

Tanto o MR-8 como a APML consideram que hoje não se pode lutar na resistência à ditadura por uma alterna-

tiva própria da classe operária, uma vez que esta alternativa seria radical demais para o momento. Ao assumirem juntos um "programa tático", acham que ele é a maneira de superar a oposição que consideram existir entre a alternativa própria da classe operária na luta contra o regime e a realidade imediata, uma vez que definem para essa realidade imediata uma *alternativa "parcial"* para *combater "parcialmente"* o regime.

Uma alternativa política e que se expressa por um caminho estratégico justo do ponto de vista de classe, isto é, baseada numa análise científica da realidade, não pode ser de modo algum sectária ou radical demais para o momento. O momento, como particularidade de uma situação de conjunto, não pode ser considerado como uma exceção ou como uma oposição à própria situação de conjunto. O que se pode dizer é que as tarefas imediatas que cabe ao proletariado realizar *na luta política*, as reivindicações mais próximas que visam a unificar as lutas *no plano político* e visam a estabelecer as modificações necessárias no Estado das classes dominantes não podem estar *à frente* de um amplo movimento de massas, sustentado pela classe operária. E isto não significa então que aquelas tarefas e reivindicações políticas da classe operária sejam radicais demais ou sectárias. Mas significa, isto sim, que as nossas tarefas atuais (tática) *devem ser outras e não* as que visam a criar as condições para que agora se concentrem todas as forças da revolução sobre o ponto fraco do inimigo.

A linha de condução da luta expressa por uma estratégia e por um programa revolucionário pode e deve estar presente na prática imediata, sem que isto represente adotar formas de luta e de organização que estejam além das particularidades da conjuntura. Como por exemplo formas de luta e organização apropriadas a uma situação revolucionária, a um momento decisivo onde a tática se volta para os golpes decisivos sobre o inimigo. Tanto nesta ocasião como nas ocasiões mais distantes, como a de hoje, se mantém na prática a linha de condução estratégica e as reivindicações e objetivos imediatos que expressam a alternativa própria da classe operária na luta contra o regime político. Não é pelo fato de se

23 ✓

alterar essa linha de condução ou esse direção política que hoje os companheiros vão conseguir colocar em marcha um amplo movimento de massas da classe operária. O movimento operário ainda está fraco, ainda não saiu dos limites da luta localizada e econômica, ainda não tem uma força política presente na luta de classes. Isto não se deve ao fato de uma alternativa ser radical demais; *pelo contrário*, se o movimento operário ainda sente as duras derrotas que sofreu, isto se deve justamente ao fato dele ter-se deixado levar por "alternativas parciais", por programas que procuravam conciliar as suas necessidades com a dominação burguesa, por uma linha de condução reformista.

Na prática, o "programa tático" e os "objetivos parciais" e "reivindicações parciais" que ele opõe à alternativa própria da classe operária não vão ser capazes de dirigir agora as lutas ainda débeis e espontâneas para o ataque ao inimigo. Se as massas trabalhadoras não se levantam agora para sustentar a sua bandeira de luta contra o regime, também não vão se levantar para sustentar um "programa Tático" que rebaixa essas bandeiras ao nível compatível com o movimento de oposição liberal. O que na prática o "programa tático" realiza, o papel que desempenha hoje na prática *é o mesmo* que também desempenha ou realiza um programa revolucionário. *Só que, ao invés* de fortalecer uma direção proletária na resistência à ditadura, vai fortalecer as ilusões da democracia pequeno-burguesa, vai servir de justificativas para práticas e acordos inconsequentes com as correntes liberais desviando-se forças de uma prática consequente dentro do movimento. Vai unir operários combativos e combatentes de outros setores que se apresentam nas manifestações de reação à superexploração e opressão policial e nas práticas avançadas no interior do movimento sob uma bandeira de luta que não representa a alternativa da classe operária, que concilia esta alternativa com a ilusões da democracia pequeno-burguesa. Vai levar para os operários que despertam para a luta a ilusão de que sua classe e outros setores oprimidos da sociedade podem conquistar a liberdade política sem arrancar das mãos da burguesia o controle da máquina estatal e dos instrumen

24

tos que impõem a superexploração e a opressão policial como forma de dominação da burguesia no país. Vai levar aos operários combativos as ilusões de que podem conquistar a liberdade política na fase de resistência, no momento onde a classe operária ainda não forjou seu partido e ainda não pode se colocar à frente de uma luta política efetiva pela derrubada da ditadura policial da burguesia.

Os "objetivos parciais" e as "reivindicações parciais" que pretendem ser o instrumento para a conquista da democracia para as massas trabalhadoras, ao contrário de um programa revolucionário, que também pode ser considerado parcial em relação a objetivos mais elevados, como a implantação do socialismo, por exemplo, não exigem a supressão das bases de sustentação do regime de superexploração e opressão policial. *É essa diferença* que age na prática para que se fortaleçam as ilusões da democracia pequeno-burguesa. Enquanto, por exemplo, na revolução russa até fevereiro de 1917 era necessário dizer, para não enganar os operários, que a revolução era burguesa, que os liberais que defendiam a democracia eram representantes da burguesia, aqui, ao contrário, para não empulhar os operários é necessário dizer que a revolução não é burguesa, que com a dominação burguesa não pode haver liberdade política para as massas trabalhadoras. Lênin disse: "Para esta classe realmente revolucionária (se refere à classe operária), nada mais importante do que se livrar de todas as ilusões e de todas as miragens. Entre essas ilusões, uma das mais difundidas e mais ativas entre nós é acreditar que nosso liberalismo não é um movimento burguês e que nossa próxima revolução não será uma revolução burguesa". (18).

A alternativa da classe operária na luta contra o regime, de um lado é atual porque representa na prática a linha de condução da luta numa situação de conjunto e, de outro, se contrapõe, e talvez por isto considerem-na radical demais, às ilusões da democracia pequeno burguesa. A alternativa da classe operária não se reduz a princípios gerais ou a um objetivo sempre adiável de modo a ficar na prática ao sabor dos ventos do momento.

É evidente que um programa revolucionário que re

presenta a alternativa da classe operária na luta política não fica em opor no geral o socialismo ao capitalismo, a democracia operária ou a ditadura do proletariado à democracia burguesa ou à ditadura burguesa. Estabelece reivindicações e objetivos imediatos na luta política que são atuais, embora nem sempre possam ser levantadas por lutas efetivas das massas trabalhadoras. *São atuais* porque partem das contradições atuais de amplas camadas do povo e as *ligam* à necessidade do proletariado *sustentar* os anseios gerados por essas contradições, *dirigi-los* no sentido da liquidação da superexploração e opressão policial e *conquistar* a liberdade política como primeira tarefa fundamental no campo da luta política.

Ao nos opormos ao "programa tático" que se expressa pela palavra de ordem "liberdades democráticas", não nos opomos a uma ou outra das reivindicações nele contidas nas partes referentes à transformações no Estado e das relações econômicas gerais, vistas isoladamente. Nos opomos ao seu conjunto, ao que representam como perspectiva de luta política. Nos opomos ao fato dos companheiros insistirem em qualquer manifestação de reação à superexploração ou opressão policial em fazer com que elas adotem a palavra de ordem "liberdades democráticas" ou a "supressão do AI-5" como direção política de luta, como meio de expressar o significado da prática dos elementos avançados nessas manifestações, como meio de "avançar" a consciência. Nos opomos ao *rebaixamento* da agitação política ao nível da democracia pequeno-burguesa, como se a evolução da consciência política, porque está atrasada, precisasse primeiro atingir a consciência democratista para depois chegar a uma consciência política consequente.

Assim, ao invés de opor ao regime de superexploração e opressão policial as liberdades democráticas em geral em nossa agitação, devemos exigir a *derrubada da ditadura policial da burguesia e um governo revolucionário provisório*. Ao invés de exigir apenas a revogação do AI-5, da lei de segurança e o estabelecimento do habeas corpus, devemos exigir a supressão de todas as leis repressivas e o *direito irrestrito de manifestação e orga*

nização políticas às classes trabalhadoras. Ao invés de nos colocar somente contra as arbitrariedades policiais, as torturas e a favor da punição aos torturadores e de anistia aos punidos pela ditadura, devemos exigir *o fim da máquina repressiva da ditadura,* liberdade a todos os presos políticos e julgamento popular dos responsáveis pelos crimes do regime. Ao invés de pedir eleições livres e diretas e liberdade de propaganda eleitoral, temos que exigir em primeiro lugar a supressão dos partidos políticos da reação burguesa, de todos os partidos e grupos políticos comprometidos com a ditadura e com a reação burguesa. Temos que exigir o reconhecimento das organizações de empresa, sindical ou de bairro dos trabalhadores como órgãos de poder.

Ao invés de colocar como reivindicações de política geral, relativas a transformações no Estado, a supressão do AI-5, liberdade de propaganda eleitoral, fim da censura à imprensa e ao trabalho artístico e de colocar como reivindicação específica dos trabalhadores a liberdade de organização e manifestação, por exemplo, devemos considerar o direito irrestrito de manifestação e organização políticas aos trabalhadores como um dos aspectos centrais da transformação do Estado para a realização das outras reivindicações, devemos considerar o controle dos meios de comunicação, a supressão dos partidos políticos da reação burguesa, a supressão de todas as leis repressivas, como meio para que outras liberdades se realizem.

Na parte econômica, ao invés de restringi-la "à luta contra a dominação imperialista e as intervenções imperialistas em todos os setores da vida nacional" e a "luta contra a remessa de lucros para o estrangeiro", como fazem os companheiros, devemos exigir a encampação de todos os monopólios e dos bancos, a nacionalização da terra, etc.

As necessidades políticas e econômicas dos trabalhadores superem em muito as reivindicações democráticas colocadas na parte de luta contra a ditadura e as reivindicações econômicas colocadas na parte de luta contra o imperialismo no "programa tático". Os anseios de liberdades e de melhorias nas condições de vida das mas

sas trabalhadoras *em seu conjunto* vão contra as bases de sustentação do regime de superexploração e opressão policial. Colocá-las então sob uma perspectiva de transformações democráticas, de acordo com o desejo da democracia pequeno-burguesa de criar o paraíso da liberdade onde *coexistam* os partidos da reação e os do proletariado, onde *coexistem* os direitos humanos e a máquina repressiva, onde *coexistam* o poder do grande capital e da reação burguesa sobre os meios de comunicação e a liberdade de imprensa, onde *coexistam* o controle da burguesia sobre a grande propriedade e a nacionalização dos monopólios imperialistas, etc., colocar então as necessidades econômicas e políticas das massas trabalhadoras sob a perspectiva de transformações democráticas em geral, nas formas "acintosas" do regime, significa iludir as massas com os ideais da pequena burguesia, significa conciliar as necessidades das massas com as ilusões da democracia pequeno-burguesa, com um caminho que visa primeiro a democracia em geral para depois passar à ofensiva contra as bases que sustentam o regime, caminho este que só servirá para lançar as massas nas armadilhas da burguesia, quando esta tiver que recuar com o crescimento das lutas.

Ao direcionar a nossa agitação política contra o inimigo principal, mas de modo a se contrapor as suas bases de sustentação, *ao unir* os operários combativos em torno dessa direção política, não estamos sendo "sectários", não estamos sendo "irrealistas", não estamos sendo doutrinaristas. Nenhuma das exigências contida num programa consequente, num programa de lutas que representa o interesse de classe do proletariado, *vai contra* interesses de outras classes ou outros setores oprimidos e que são aliados do proletariado na luta contra a superexploração e a opressão policial. Pode ir contra ou ferir as suscetibilidades da "consciência nacional e democrática" em geral, das personalidades liberais que fazem apologias sobre as virtudes da democracia em geral. Um programa que representa o interesse de classe do proletariado é um programa de unidade de classes revolucionárias e que parte de seus anseios pela liberdade e por melhores condições de vida e, ao mesmo tempo, expressa

as necessidades do proletariado de criar um período de transição que lhe permita lutar de forma ampla para ganhar o conjunto das massas oprimidas para a implantação do socialismo e de sua ditadura.

Um programa que, entre outras coisas, exige a derrubada da ditadura policial da burguesia e a formação de um governo revolucionário provisório, *o fim da máquina repressiva*, fim de todas as leis repressivas do regime, *o direito irrestrito de manifestação e organização políticas dos trabalhadores*, reconhecimento das organizações de empresa, sindicais, e de bairro como órgãos de poder dos trabalhadores da cidade e do campo, liberdade dos presos políticos e julgamento popular dos responsáveis pelos crimes da ditadura, *fim do arrocho salarial* e elevação geral dos salários a todos os trabalhadores da cidade e do campo, garantia de emprego a todos os trabalhadores, congelamento dos preços e dos aluguéias, controle operário a partir das fábricas, controle dos meios de comunicação, supressão dos partidos políticos comprometidos com a ditadura e a reação burguesa, encampação dos monopólios e dos bancos, nacionalização da terra, etc., este programa expressa então a maneira combativa e mais avançada de como o proletariado pode sustentar a luta de todas as massas oprimidas contra a superexploração e opressão policial, pela liberdade e por melhores condições de vida.

Hoje, quando nós defendemos essa direção, quando a levamos através da agitação política nas diversas manifestações, quando a levamos através da presença de organizações unidas em torno dessa direção política nas diversas atividades que procuram enfrentar as debilidades mais urgentes do movimento, nós já estamos lutando desde agora para que o proletariado sustente as diversas manifestações de resistência ao regime. Para que o *seu programa penetre* nos setores combativos *que se apresentam* nas diversas manifestações de resistência, para que nestas manifestações se fortaleça a direção operária.

Dessa forma, lutamos também na prática contra os que se submetem à fraqueza do proletariado e que, ao organizar um programa político de acordo com a impossi-

26V

dades Politicas" (republicado no exterior em "Cadernos de Campanha" nº4); o artigo do camarada Mario Ribeiro "Daniel Terra e a luta por liberdades politicas" publicado em "Cadernos de Campanha" nº6 (em resposta a uma critica de Daniel Terra ao MEP publicada em 3S-8); assim como os quatro documentos publicados em "Cadernos de Campanha" nº8 "A Crise politica", "sobre as tendências politicas do movimento de massas", "sobre o trabalho de massas" e "sobre a constituinte". Estes quatro documentos, tem a importancia de ser a mais atual sistematizaçao das posicoes da Organizaçao para o periodo.

CJM
Maço 12
Doc. 29

bilidade do proletariado ter hegemonia numa frente de resistência, esquecem-se de que a hegemonia se conquista quando o proletariado se coloca à frente e não atrás dos interesses de outras classes ou grupos que têm contradições com o regime. Esquecem-se de que cabe ao proletariado, ou cabe a nós fazer com que o proletariado atraia outras classes e setores para o seu programa, e não fazer com que a democracia pequeno-burguesa, que grita mais hoje e que não é o inimigo principal, atraia o proletariado para uma ampla frente democrática voltada contra as formas "acintosas" e "desrespeitosas" que ferem todos os que têm contradições com o grande capital. Esquecem-se de que lutar para que o proletariado sustente e tenha hegemonia frente a todos os que se opõem ou têm contradições com a superexploração e opressão policial é fazer com que ele venha a assumir as posições mais avançadas e consequentes e não fazê-lo se submeter a um programa atrasado. *É lutar hoje* para que um programa revolucionário penetre nos setores combativos que surgem e atuam nas diversas manifestações de resistência à ditadura.

No processo de revolução democrático-burguês na Rússia, por exemplo, os revolucionários lutavam para que o proletariado sustentasse, com base em um programa seu e não com base em "programas táticos" ou em "acordos", as lutas e manifestações democráticas de todo o povo. Lênin disse: "A velha Iskra indicava elementos de democracia burguesa na Rússia em uma época em que eram ainda numerosos aqueles que não os viam"... "É precisamente o fato do único democrata consequente até o fim, isto é, o proletariado, sustentar todos os democratas inconsequentes (isto é, burgueses) que realiza a idéia da hegemon Somente uma concepção pequeno-burguesa, mercantil da hegemonia vê a sua essência em um acordo, em um reconhecimento recíproco, em condições verbais. Do ponto de vista proletário, a hegemonia pertence, na luta, àquele que combate com o máximo de energia, àquele que pega todo pretexto para atingir o inimigo". (19).

Não é com um programa atrasado que se pode *lutar desde hoje* para que o proletariado venha a combater "com mais energia", venha a sustentar todos os que se o

27

põem e têm contradições com a superexploração e a opressão policial, venha a exercer a hegemonia na luta. Se hoje o proletariado é fraco, se hoje a esquerda revolucionária ainda não tem bases políticas dentro da classe operária, se hoje nas diversas manifestações de oposição e luta contra o regime ainda predominam as influências de outras classes, se hoje o proletariado, mesmo em suas camadas avançadas, ainda não levantou suas bandeiras de luta contra o regime, se hoje o momento é de defensiva, é de resistência, e nessa resistência as massas trabalhadoras ainda lutam ao nível de suas necessidades econômicas mais imediatas e localizadas, se tudo isto compõe hoje um mundo de dificuldades, nem por isso cabe encontrar caminhos aparentemente mais fáceis para resolvê-las.

Estas dificuldades não devem servir de pretexto para se abandonar a alternativa da classe operária, colocando em seu lugar "objetivos parciais" e "reivindicações parciais" que são resultado da conciliação de objetivos e reivindicações políticas da democracia pequeno-burguesa com os objetivos e reivindicações da classe operária na luta política. As ações concretas que oferecem resultados imediatos e as lutas parciais não se opõem à alternativa da classe operária.

Hoje, ao lutarmos dentro do movimento para enfrentar suas debilidades mais urgentes, para contribuir para que melhorem as condições para o crescimento das lutas de massas, a nossa preocupação está voltada também para ampliar a área de nossa influência política, para unir setores combativos, que despertam ou lutam dentro do movimento, em torno de um programa revolucionário, sob uma linha de condução da revolução brasileira. Porque dessa forma é que se preparam agora os pontos de partida da força de vanguarda da revolução, os pontos de partida capazes de sustentar uma luta política consequente. Esta é a maneira como se *realiza na prática hoje* a alternativa da classe operária, como ela impõe à tática uma direção consequente. Claro está que não há então uma oposição entre o programa revolucionário e a prática imediata, e nem há uma oposição entre ele e reivindicações específicas, lutas parciais ou ações concretas

27 V

EJM
Parte 12
05.09

As reivindicações específicas, como por exemplo, as melhorias salariais, autonomia para os sindicatos, fim do 477, etc., ou fazem parte de um programa revolucionário ou são especificações de reivindicações nele contidas. Além disso, elas encontram nas reivindicações de política geral do programa revolucionário uma solução política ou uma direção consequente. Assim também questões políticas que isoladamente fortalecem uma perspectiva democratista, vistas a partir das reivindicações políticas gerais do proletariado elas são consequência da realização dessas reivindicações. Por exemplo, a supressão do AI-5 ou a supressão da Lei de segurança devem ser para os revolucionários consequência do direito irrestrito de manifestação e organização políticas aos trabalhadores, do fim da máquina repressiva e da derrubada da ditadura policial da burguesia, e não meio "parcial" de luta política para se atingir essas reivindicações políticas principais.

Lutar pelas reivindicações específicas, pelas reivindicações justas das massas é um dever de qualquer revolucionário e de qualquer organização revolucionária. Nestas lutas específicas ou parciais tanto no movimento operário como em outros setores, além de atuarmos nelas para ganhar liderança, para avançar na sua organização independente, estamos também levando-lhes uma agitação política baseada num programa revolucionário que, se não é capaz hoje de contribuir para sua união numa só luta política, é capaz de realizar aquilo que hoje é possível em termos de *unificação política*. Isto é, abrir o caminho para a *organização política dos mais combativos que surgem nestas lutas*. A unificação destes setores em torno da alternativa da classe operária é a maneira como se preparam as bases da luta política da classe operária e como se preparam agora os pontos de partida para a construção de um partido revolucionário, os pontos de partida da consciência política do proletariado. É a maneira como colocamos em prática a alternativa da classe operária e como lutamos na resistência à ditadura para acumular forças de modo a fortalecer a direção operária nesta resistência e de modo a transformar essa resistência num embrião da luta política do proletariado.

Colocar as pequenas reivindicações ou as reivindicações específicas ao lado das reivindicações de política geral que são compatíveis com os liberais (supressão do AI-5, habeas corpus, eleições livres, voto popular, liberdade de propaganda eleitoral, constituinte, etc.) não vai ter nenhum resultado mais prático a não ser o de enfraquecer a direção operária, o de unir os setores combativos em torno das ilusões da democracia pequeno-burguesa. Esses " programas parciais" ou as bandeiras das liberdades democráticas diluem o caminho da luta e os interesses do proletariado. Por exemplo, colocar a supressão do AI-5 e o fim da censura à imprensa e ao trabalho artístico e cultural como *reivindicações de política geral* e a liberdade de organização e manifestação dos trabalhadores como uma *reivindicação operária,* isto implica em que a falta de liberdade política aos trabalhadores é consequência do AI-5 ou da censura à imprensa, etc., e não de fato dela ser imposta pelas próprias bases de sustentação do regime. A consequência disso na prática revolucionária é o rebaixamento da agitação política de modo a torná-la compatível com uma "luta política parcial" de agrado da democracia pequeno-burguesa. Lenin disse:"...É necessário demonstrar sem descanso, a partir dos exemplos vivos da realidade, todo o caráter nocivo do reformismo, isto é, da tática que se coloca no centro, *no lugar* das palavras de ordem revolucionárias, a reivindicação de melhorias parciais. 5- Em sua agitação a favor da liberdade de coalizões e reformas parciais em geral, os liquidadores se perdem na via liberal. Eles negam na prática a agitação revolucionária entre as massas ..."(20) (grifos do autor)

As ações concretas que oferecem resultados imediatos ou as lutas parciais nada têm a ver com a necessidade de um programa político "parcial". Estas não são incompatíveis com um programa revolucionário, mas ele é quem deve imprimir um conteúdo e direção à prática no presente para que se lute pelo futuro do movimento. Conteúdo e direção esses que se fazem presentes no movimento pelo trabalho político de agitação, propaganda e organização adequados às formas de luta e de organização apropriadas ao momento atual. Assim, a tática se coloca

a serviço das necessidades práticas impostas pelo atual momento e a serviço de um caminho e de um programa revolucionário. E, assim, se no plano da tática resolvemos chamar de objetivos parciais, reivindicações parciais, ações concretas, etc., aquilo que se realiza de imediato não mais estamos nos referindo a objetivos, reivindicações e ações que expressam a conciliação entre o proletariado e a democracia pequeno-burguesa.

Desse ponto de vista, as reivindicações parciais, objetivos parciais, ações concretas podem ser, por exemplo: um conjunto de reivindicações adequadas a uma prática sindical combativa que possa servir de imediat para a unidade de diversos setores de oposição sindical; uma reivindicação contra um atraso de pagamento que sirva de base para uma luta vitoriosa numa ou mais fábricas e para a organização de uma comissão ou delegação com os operários mais dispostos; uma luta por um abono salarial ou por um reajuste superior ao índice do arrocho, levada pela oposição nas reuniões sindicais e nas assembléias e que atraia mais forças para a oposição e melhore as condições para o trabalho de organização nas fábricas; uma agitação específica numa fábrica que acelere uma luta; uma reunião de todas as forças de oposição sindical que estabelece pontos de unidade, princípios em relação à luta sindical, uma coordenação responsável por um jornal; uma agitação política numa assembléia, numa reunião, etc., que abre o caminho para as discussões políticas, para a aproximação política ou para manifestações políticas; um ato de repúdio a um crime da ditadura; um avanço da reorganização do movimento estudantil e partir de lutas acadêmicas e das lutas acadêmicas e das lutas contra a opressão policial do regime, etc.

A supressão do programa mínimo ou de transição e a exaltação do programa máximo

Enquanto as críticas de Luis Antonio Tovar ao PSpB defendem o governo revolucionário provisório como governo de transição, embora essas críticas infelizmente em nada tenham contribuído para a superação dos erros das posições táticas do MR-8, já a AMML, em suas crí

ticas ao PSpB, se coloca contra a perspectiva de um governo de transição, assim como de um programa de transição. É que os companheiros não compreendem o papel do programa máximo e do programa mínimo ou de transição num programa político e não compreendem o que eles tem a ver com a estratégia e a tática.

Em carta dirigida à Política Operária, a APML diz: "consideramos a "plataforma de lutas" (se refere à plataforma de lutas que a PO colocou como "programa tático" no seu primeiro projeto de tática) proposta por vocês como programa de ação, como bastante atrasada, do ponto de vista político. Ela traz uma longa lista de reivindicações de luta econômica, agrupadas sob o título de "Salários e condições de trabalho" e outro item dedicado à "liberdade sindical". E mais à frente diz: "Entender esta plataforma como proposta tática de luta contra a ditadura - com essas limitações assinaladas - é renunciar a exercer qualquer influência no curso dos acontecimentos políticos do país (mesmo que não possamos determiná-los, como ocorre agora), é restringir-se na luta contra diferentes posições de oposição à ditadura que buscam apoio no movimento operário, oferecendo-lhe a contra-partida de uma proposta limitada demais". (21)

Se de fato era atrasada, e ainda o é, a "plataforma de lutas" da PO, a preocupação da APML não foi, contudo, a de romper com o problema de definir um "programa" de luta a partir das particularidades imediatas da prática numa conjuntura. Como para a PO não há luta contra a ditadura, a sua plataforma se reduziu às necessidades imediatas da atividade sindical. Como para a APML há luta contra a ditadura e nela quem grita mais são os adeptos da democracia pequeno-burguesa, o "programa tático" vai se colocar ao nível da democracia pequeno-burguesa.

Se temos que nos preocupar com as possibilidades da luta de hoje, se temos que, na luta ao nível da oposição sindical, por exemplo, buscar pontos mínimos de concordância a respeito de reivindicações específicas e necessidades imediatas de uma prática sindical combativa, se podemos elaborar em conjunto com outras forças políticas uma plataforma mínima de lutas para uma eleição sindical ou para uma eleição de entidades no meio

estudantil, se podemos dar peso num período à luta por um abono salarial, em outro por um reajuste acima do custo de vida, se é possível se chegar a um acôrdo acerca de um panfleto comum que denuncie a supersexploração e exige o fim do arrocho, ou outro que denuncie as prisões e torturas e exige a liberdade dos presos políticos e o fim das torturas ou o fim da repressão, etc., tudo isto, *que são ações concretas*, não depende de um "programa tático" ou de "ação" determinado pela situação específica da conjuntura, mas *precisa* como "guia" de uma programa político determinado pela situação de conjunto da luta de classes.

Não é deixando para outra conjuntura este programa ou rebaixando-o ao nível sindical ou ao nível da democracia pequeno-burguesa que se supera o doutrinarismo, isto é a propaganda de formas de luta e de organização ideais, elaboradas em gabinetes, ou a prática que procura se concentrar na luta ideológica, tomando como inimigo principal formas mais evidentes de oportunismo. Um programa de lutas que corresponda ao objetivo estratégico e que corresponda aos anseios de liberdade e de melhoria das condições de vida de amplas camadas do povo é um programa atual e é um importante instrumento no campo da tática.

Para fundamentar, de maneira rápida, os aspectos essenciais de um programa político adequado a nossa realidade, mais uma vez devemos insistir que nossa revolução não é democrático-burguesa, que não está em marcha uma revolução burguesa que procura livrar do atraso do feudalismo as forças produtivas da sociedade. A forma que o poder da burguesia toma no país corresponde às necessidades do desenvolvimento do capitalismo brasileiro em sua fase monopolista e de integração econômica completa com o imperialismo. As aspirações democráticas de setores da burguesia são ocasionais e correspondem quase sempre a reações de setores da burguesia frente à hegemonia do grande capital, reações estas que, do ponto de vista econômico, se opõem ao desenvolvimento da concentração de capital e à expansão da grande propriedade capitalista moderna e, do ponto de vista político, se opõem à forma como a hegemonia do grande capital impõe um poder político capaz de assegurar a ordem social ca-

pitalista. O "liberalismo" da burguesia no país não corresponde à marcha de um processo revolucionário de liberação das forças produtivas; pelo contrário, se assenta numa base econômica capitalista atrasada e só encontra condições para ascender, ocasionalmente, quando as tensões sociais aumentam e quando a crise econômica cria maiores contradições e desavenças no bloco das classes dominantes.

A luta pela liberdade política do proletariado, se voltando contra as bases de sustentação da superexploração e da opressão policial, volta-se ao mesmo tempo contra as bases principais de sustentação do próprio capitalismo brasileiro, organizado sob a hegemonia do grande capital.

Se, como primeiro passo de sua emancipação completa, a classe operária precisa atrair as massas oprimidas (trabalhadores do campo, camponeses pobres, massas proletarizadas e parcelas de outros setores da pequena burguesia urbana) para derrubar a ditadura policial da burguesia, esse passo só se efetiva se ao mesmo tempo se coloca no lugar da ditadura um governo revolucionário provisório sustentado pela luta dos trabalhadores e capaz de completar a liquidação da organização política e policial da reação e retirar das mãos da burguesia o controle do grande capital. E se não é justo o proletariado ter como primeiro objetivo a sua ditadura, é porque é necessário neutralizar a democracia pequeno-burguesa, é necessário retirar massas de sua influência e ganhar massas ainda não conscientes da necessidade da ditadura do proletariado e da organização do socialismo no conjunto da sociedade. E, debaixo da dominação burguesa, que necessita das formas de poder que garantem a expansão da superexploração e a expansão da opressão política e policial sobre as massas oprimidas, *é impossível* ao proletariado consciente *ganhar o conjunto* das massas para a sua ditadura, pois estas massas não conseguirão se livrar facilmente das ilusões da democracia pequeno-burguesa.

O primeiro passo na luta política que o proletariado brasileiro terá que dar se dirige e *se concentra* sobre a ditadura policial da burguesia *visando a quebrar* as bases de sustentação da superexploração e opressão po

30V

CJM
Caixa 12
Doc. 29

licial. Este primeiro passo *não se concentra*, portanto, sobre a liquidação da democracia pequeno-burguesa, mas na sua neutralização, no seu isolamento, a fim de que, ao invés de se fortalecer uma saída democrática ocasional para a burguesia, onde a reação conserve todas as suas bases de sustentação disfarçadas sob uma forma de poder democrático, de modo a procurar isolar o proletariado consciente e preparar nova investida, se possa quebrar as bases de sustentação da reação e preparar as condições para a marcha para o socialismo.

Se as lutas das massas trabalhadoras se transformam em fortes movimentos de massa, naturalmente que eles ampliarão na prática a liberdade política. Naturalmente que acelerarão crises políticas e poderão com isto acelerar saídas democráticas para a burguesia tentar contornar a crise. Mas se o proletariado está preparado, ou melhor, foi preparado, criaram-se em seu interior bases firmes de uma consciência política revolucionária, na certa ele não se iludirá com as saídas democráticas da burguesia. Nestes momentos de fraquesa da burguesia é que se torna mais necessário a ação combativa do proletariado para liquidar de vez com a ditadura e com a reação burguesas. Vejam por exemplo o Chile. Lá não havia ainda se desenvolvido a ditadura aberta da burguesia para exercer a hegemonia do grande capital. O governo da Unidade Popular pode chegar ao poder com as divisões da burguesia (aqui no Brasil, caso mais ou menos semelhante se deu quando João Goulart ia ocupar o cargo vago de presidente). Mas, no poder, não avançou na transição para o socialismo, isto é, não se constituiu em governo dos trabalhadores apoiado na força das massas trabalhadoras e seus aliados para quebrar a dominação burguesa e a possibilidade de se fortalecer a ditadura policial da burguesia a partir da máquina estatal e das forças de repressão. E justamente porque o PC, que também desejava o socialismo, mas que não consegue se livrar da idéia de revolução por etapas, queria atrair a pequena burguesia através de um acordo com a Democracia Cristã (em particular seus setores mais democráticos). O PC não via a necessidade de quebrar a legalidade burguesa - afinal, ela fornecia ampla democracia naquelas circunstâncias! - Como ir contra aquela legalidade poderia segundo o PC

31

assustar a pequena-burguesia e setores do médio capital, ele procurava conciliar as liberdades democráticas com a dominação burguesa para que gradativamente fosse se enfraquecendo a burguesia. E estas ilusões acabaram por predominar no movimento operário, e com isto prepararam-se as condição para a contra-revolução ou a ofensiva da burguesia. Um trecho bastante significativo sobre a política da burguesia naquela época nos mostra o seguinte fato narrado por Rui Mauro Marini em seu artigo "Algumas Considerações sobre a Contra-revolução no Chile": "No campo da direita, apesar das divergências internas, o acordo de fundo era muito mais sólido e havia sido exposto com meridiana clareza por úm porta voz democrata-cristão, Claúdio Orrego Vicuña, em 1972, quando aparecia tão somente como um intelectual brilhante e não, como em 1973, como um dos pontas de lança da CIA no Chile, tinha publicado na revista oficial da DC (Política e Espírito) um artigo que não deixava dúvidas sobre o assunto. Comparando a vitória eleitoral da UP com o avanço dos exércitos alemães na União Soviética (a analogia, além de sua cruel ironia não deixava de ser profética, se se considera o desenlace militar do processo), afirmava que a estratégia dos marechais russos consistira em ceder terreno, preocupados fundamentalmente em garantir a preservação do símbolo nacional - Moscou - e à espera de que o inverno lhes desse as condições necessárias para contraatacar e varrer os exércitos inimigos. Nós - dizia Orrego, expressando a posição da burguesia e do imperialismo - esperaremos também nosso "inverno russo" e defenderemos incansavelmente nossa Moscou: a legalidade burguesa e o Estado burguês, ainda que para tanto devamos agora retroceder e fazer as concessões que se tenha que fazer." (22)

As questões sobre a nossa situação de conjunto a que nos referimos mais acima são algumas das mais importantes que apontam o rumo da luta política e que servem de guia para a elaboração de um *programa mínimo* capaz de expressar as principais reivindicações das massas trabalhadoras e de outros setores oprimidos. Capaz de se contrapor às bases de sustentação da ditadura policial da burguesia, de corresponder a uma aliança entre a classe operária, trabalhadores do campo, campone-

O PROGRAMA REVOLUCIONARIO, MOMENTO ATUAL E O DEMOCRATISMO

Entre os obstáculos que têm causado prejuízos grandes a uma maior unidade da esquerda revolucionária e a uma prática política conseqüente, se destacam o democratismo e o doutrinarismo. Estes representam na atual prática revolucionária aspectos da influência da pequena burguesia no interior de setores da esquerda que, de uma forma ou de outra, assumiram compromissos com o caminho socialista da revolução brasileira e com a construção de um partido revolucionário da classe operária.

Não é nosso objetivo aqui aprofundar as discussões sobre o doutrinarismo, embora ele continue tendo importância na prática da esquerda revolucionária, em particular na prática de uma de suas tendências. Além de agora ser mais urgente e importante as discussões sobre o democratismo, uma vez que este se transformou na "moda" do momento, já tivemos a oportunidade em outras ocasiões de combater o doutrinarismo.

Contudo, é necessário chamar a atenção para o fato de que os erros mais visíveis do doutrinarismo deram margem, de certo modo, ao fortalecimento do democratismo dentro da esquerda revolucionária. Hoje mesmo, nas discussões e nas atividades onde a esquerda se encontra presente, o democratismo e o doutrinarismo se confron-

5

ses pobres e os setores proletarizados da pequena burguesia urbana, de tomar *como ponto de partida* para a luta pela ditadura do proletariado a contradição de amplas camadas oprimidas da população com a superexploração e a opressão policial, etc. Esse programa mínimo, adequado à fase da revolução socialista, tem como papel expressar a *transição necessária* do capitalismo ao socialismo, a transição necessária da ditadura burguesa para a ditadura do proletariado. E, portanto, é para isto que exige a liberdade política para as classes trabalhadoras e, consequentemente, a liquidação dos instrumentos políticos e econômicos que sustentam a superexploração e a opressão policial.

Os companheiros da APML não compreendem a necessidade de um programa mínimo dentro do programa político, não compreendem a necessidade de um programa de transição que, em nossa realidade, se liga ao objetivo de se conquistar um governo revolucionário provisório sustentado na luta e nas organizações de base das massas trabalhadoras da cidade e do campo. Não compreendem a necessidade de um programa de transição capaz de unir e expressar as necessidades das massas trabalhadoras que servem de ponto de partida ou servem para criar as condições políticas para que as massas, *por experiência própria*, se coloquem ao lado do proletariado consciente para organizar a ditadura proletária e para organizar a sociedade socialista. Dizem os companheiros em seu documento (carta) dirigida à PO: "Talvez seja por isso que no programa proposto - dentro do PSpB - para tal governo (se refere a governo revolucionário dos trabalhadores proposto pelo PSpB) coloca-se a encampação dos monopólios imperialistas e nacionais e a planificação dos setores básicos da economia; ou seja, não formula nenhuma posição de *expropriação dos outros setores burgueses não monopólicos* e restringe a planificação somente aos setores básicos da economia". Mais à frente dizem: "Para nós o programa proposto para o governo revolucionário dos trabalhadores está de fato *aquém* de um programa socialista para o Brasil, embora contenha medidas fundamentais deste, ao lado de outras omissões também fundamentais. Entretanto, como *programa tático* é *extremamente radical*, dado que sua primeira exigência é a de "des

truição final das atuais forças armadas organizadas para a repressão contra as classes populares, organização de milícias dos trebalhadores", pois esta é exatamente uma das importantes questões estratégicas a resolver" . E continuam os companheiros: "Mas tal governo (o governo revolucionário dos trabalhadores) é apresentado como alternativa proposta à ditadura militar, *fazendo entender então* que a queda desta seria seguida de um processo revolucionário que em pouco tempo significaria a vitória da revolução socialista." (23)

Apesar das falhas que contêm o PSpB (veja por exemplo críticas nossas ao PSpB em "Resoluções sobre o programa") e que dão margem a diversos desvios e ajudam os companheiros a também cometerem erros, podemos verificar nessas críticas dirigidas a ele pela APML como os companheiros justificam a sua posição de "programa tático", centrado nas "liberdades democráticas", e como jogam para os "arquivos" da propaganda o caminho socialista da revolução brasileira, expresso por um programa máximo.

Os companheiros acham então que um programa político para a revolução brasileira se reduz ao programa máximo socialista que, pela distância em que estamos da realidade em que se criarão as condições para se implantar, ou melhor, se organizar a ditadura do proletariado e a sociedade socialista, uma discussão no terreno prático, isto é, uma discusssão das medidas práticas capazes de dirigir a organização ou a consolidação do poder operário e do socialismo só poderia ser hoje uma discussão diletante, intelectualista.

Num programa político para a revolução brasileira, as questões sobre o programa máximo, sobre o socialismo, sobre a ditadura do proletariado, etc. só podem ser sistematizadas ao nível dos princípios de modo a servir de guia para que na parte prática do programa se adotem posições (reivindicações) que expressem o caminho da revolução socialista e que expressem a maneira como em nossa realidade pode-se atingir o objetivo do socialismo e da ditadura do proletariado. E justamente esta parte prática de um programa político é o programa mínimo ou programa de transição, é o programa capaz de ligar as necessidades atuais às necessidades do desenvol-

vimento social e às necessidades da ditadura do proletariado e do socialismo, capaz de expressar *os pontos de partida*, em forma de reivindicações, *da luta do proletariado pelo poder e pelo socialismo*.

Este papel do programa mínimo não pode ser preenchido ou ser a soma de "programas táticos" de poder adequados às circunstâncias de cada momento. E, quando os companheiros reclamam um programa socialista mais radical, isto é, quando querem que o programa político seja apenas os princípios da revolução socialista - ditadura do proletariado, expropriação da burguesia, planificação da economia, etc. - é porque pretendem rebaixar o primeiro passo do proletariado na luta político ao nível do que acham ser possível conquistar agora. Acham ser irreal ou radical demais colocar como alternativa à ditadura um governo revolucionário. Então, qual deve ser a alternativa para os companheiros? Claro está que ela é apontada pelo "programa tático" que, ao colocar como alternativa à ditadura as "liberdades democráticas", espera que esta transformação seja sustentada pela pequena burguesia.

Na verdade, defendem um programa de poder "parcial" que ocupa o lugar do programa mínimo na agitação política, no campo da tática, e que, para não ser radical, para não indicar como alternativa à ditadura um governo revolucionário, fica ao nível da democracia pequeno-burguesa, na esperança de que a ditadura seja substituída por uma "democracia", que não é ainda sustentada pelas massas trabalhadoras, mas que pode conceder liberdades políticas a todos os trabalhadores e outros setores oprimidos. Os companheiros tomam a situação particular da atual conjuntura como uma situação de conjunto da luta de classes no país e, como nela crescem as tendências liberais e é fraco o proletariado, procuram traçar um objetivo e um programa de poder subordinado a essas circunstâncias do momento e que, apesar de insistirem sobre o seu "caráter tático" e sobre sua fé na revolução dos trabalhadores, acaba por fortalecer as ilusões democráticas já bastante espalhadas pelos liberais que se amontoam no MDB.

As experiências da revolução russa em sua primeira etapa oferecem lições importantes para quem pre-

tende dela extrair ensinamentos teóricos gerais e não aplicá-la mecanicamente. Lenin dizia: "Lutar pela república e *renunciar ao mesmo tempo* à ditadura revolucionária democrática é como se Oyama estivesse querendo medir forças com Kouropatkine em Mukden, renunciando antes de tudo à idéia de entrar nesta cidade." (24) (grifos meus) Mais à frente, diz: "Mas quaisquer que sejam a forma, as origens, as condições, é evidente em todo caso que o governo revolucionário provisório não pode deixar de se apoiar sobre certas classes. É suficiente lembrar essa verdade elementar para ver que o governo revolucionário provisório *não pode ser outra coisa senão* a ditadura revolucionária do proletariado e do campesinato". (...) "As pessoas *falam em abater a autocracia* e *temem se sujar aclamando o governo revolucionário!* (25) (grifos meus)

A luta pela transformação do poder político implica em saber *de que natureza é essa transformação* e *em quem ela se sustentará*. E isto não é válido só para os momentos decisivos, de insurreição, mas para toda uma etapa da revolução. Por exemplo, o que faziam os revolucionários na Rússia na época em que Lenin escreveu "Por Onde Começar" e "Que fazer", na época onde o movimento operário estava atrasado frente às necessidades da luta política, na época onde o partido social-democrata não poderia ser considerado um partido de combate do proletariado? Estavam por ventura a mudar as questões colocadas mais acima, estavam a elaborar um "programa tático" *menos radical*, um objetivo de poder "parcial" e menos "sectário" ? Claro que não. Os revolucionários russos, e "Que fazer?" é o exemplo mais notável disto, estavam procurando formar uma organização de combate, estavam procurando fazer com que os operários compreendessem o objetivo da luta e as reivindicações essencias do programa mínimo como o seu primeiro esforço na luta pela sua emancipação. E depois da revolução de 1905, quando a luta política declinou, quando a contra-revolução passou à ofensiva, quando a crise ideológica penetrou no próprio partido social-democrata, quando houve necessidade de recuar, o que fizeram os revolucionários? Abandonaram o objetivo expresso em seu programa, abandonaram as reivindicações essenciais do programa mínimo ?

330

CJM
Pasta 12
Doc. 29

Não, os revolucionários procuraram outras formas de luta e de organização adequados ao momento para lutar *no próprio momento pela defesa das reivindicações principais*, pela defesa do objetivo em relação ao poder, etc.

Os revolucionários russos tinham na parte prática de seu programa político as reivindicações que expressavam o caminho da revolução russa e o primeiro passo a ser conquistado pelo proletariado na luta política. Esta parte compunha o programa mínimo. E, *na fase da revolução democrático-burguesa*, Lenin dizia sobre o programa mínimo e sobre o programa máximo o seguinte: " É precisamente por essa razão (se referia ao fato de que a revolução socialista não podia ser o objetivo imediato da Social-democracia russa) que ela (a Social-democracia) sempre insistiu sobre o carater burguês da próxima revolução russa; é também por essa razão que ela exigiu a distinção rigorosa do programa mínimo democrático e do programa máximo socialista" (26). Com a revolução de fevereiro, a situação de conjunto da revolução russa se altera e naturalmente que a distinção rigorosa entre o programa mínimo e máximo perde a qualidade anterior. Lenin diz então: "O poder na Rússia passou às mãos de uma nova classe: a classe da burguesia e dos grandes proprietários rurais aburguesados. *Neste sentido*, a revolução democrático-burguesa se completou na Rússia" (27)

Dentro da visão dos companheiros da APML seria a vez então do programa do partido ficar apenas com o programa máximo socialista. Mas, para a nova fase, exigiam-se novos passos do proletariado na luta política, para novamente alterar a *situação de conjunto* caracterizada de maneira geral pela *guerra e pela dominação imperialista*. Cabia então reformar o programa e em particular o programa mínimo, de modo a que orientasse e dirigisse a cada momento a agitação política e a luta política do proletariado consciente. Diz então Lenin: "modificação do programa do partido principalmente: 1) sobre o imperialismo e a guerra imperialista; 2) sobre a posição frente ao Estado e nossa reivindicação de um "Estado-Comuna" (isto é, de um Estado cujo protótipo seja a Comuna de Paris); 3) reforma do programa mínimo já antiquado." (28)

Algumas das questões sobre a reforma do programa do partido contidas nos textos de Lenin (o programa não chegou a ser formalmente alterado) são: No lugar de uma república parlamentar, exigir uma república dos sovietes, paz imediata, supressão da polícia, do exército e da burocracia, confisco das terras dos grandes proprietários e nacionalização das terras de todo o país, fusão e controle dos bancos, etc. E sobre a natureza das novas transformações políticas a que o proletariado era convocado, após ter-se completado a revolução democrático-burguesa, Lenin dizia:"Não "implantação" do socialismo como nossa tarefa *imediata*, mas passar unicamente a instauração imediata do controle da produção social e da distribuição dos produtos pelos sovietes de deputados operários." (29) Um governo revolucionário provisório apoiado nos sovietes de operários e de camponeses pobres juntamente com as reivindicações levantadas pelos bolcheviques expressavam a necessária transição do capitalismo ao socialismo. Devido às particularidades da revolução russa, os partidos da democracia pequeno-burguesa passaram para o lado da reação, se aliaram à grande burguesia e, defendendo aqueles objetivos, os bolcheviques conquistaram maioria nos sovietes e com a insurreição armada tomaram o poder.

Pela superação do principal foco de vacilações

Todas as referências que fizemos e as discussões que desenvolvemos neste texto visam a, entre outras coisas, mostrar que a agitação que setores da esquerda revolucionária fazem em torno da palavra de ordem "liberdades democráticas" *contém atrás de si* uma perspectiva e um caminho para a luta política incorretos. Que seus argumentos que giram em torno dos "programas táticos", "objetivos parciais", "programas de ação", "fase de defensiva", etc. não conseguem defender ou esconder o rebaixamento da agitação política, da estratégia e do próprio programa político que os companheiros são obrigados a fazer na prática, pensando que com isto estão unificando a resistência à ditadura e não vendo que, do ponto de vista do proletariado, esta "unificação" se dá se nós lutamos para que o proletariado sustente e se coloque à

CJM Pasta 12 doc. 29

frente, como mais avançado e conseqüente na luta contra a ditadura.

A prática combativa que os companheiros procuram desenvolver no movimento operários e os seus compromissos com teses gerais da revolução socialista entram em contradição com o "programa tático" e com os argumentos que usam para defendê-lo. Isso leva a que os companheiros vacilem entre uma prática conseqüente e uma prática submetida à influência da democracia pequeno-burguesa. Sem dúvida alguma, o *foco mais importante dessa vacilação* está na definição de um "centro tático" democrático e no "programa tático" que lhe corresponde. Ou a tendência a se firmar é a que tomará como programa mínimo um programa democrático e, consequentemente, se colocará a favor de uma etapa democrática na revolução brasileira, ou então é a que terá de romper com o "centro tático" democrático e com o "programa tático", colocando-se a favor de um programa político revolucionário e das conseqüências que ele traz para a prática imediata.

Certamente que esperamos que esta última é que venha a se firmar. Dentro das contradições que envolvem o conjunto da prática dos companheiros, o lado revolucionário atua tanto no campo teórico (o esforço pela produção de um programa socialista, do qual o doc. de Luís Antônio Tovar - "Crítica ao PspB" - é o seu melhor exemplo) como no campo prático. É também exemplo dessa influência do lado revolucionário, e ao mesmo tempo de sua contradição com o lado democratista, pequeno-burguês, o último número de seu jornal de maio de 76. Em homenagem ao primeiro de maio, este jornal publica uma "Declaração Política" e um artigo "Nosso Compromisso é com a Luta", nos quais domina o lado revolucionário, fato este que pode representar um aspecto da vacilação existente, ou quem sabe pode representar um passo para a superação do foco mais importante dessa vacilação.

Nesses artigos ainda utilizam as "liberdades democráticas" que, sem dúvida, é uma péssima palavra para expressar o que realmente se pretende na luta política em nossa realidade. Tanto o uso do termo "adocicado" das "liberdades democráticas" como o próprio uso do termo "liberdades políticas" deixados no geral implicam em diluir o caráter de classe da revolução e em diluir as rei

vindicações do proletariado. Historicamente, as "liberdades democráticas" estão identificadas com as liberdades burguesas e em nossa revolução a liberdade política para às massas trabalhadoras torna-se incompatível com a dominação burguesa, se de fato lutamos para que ela se efetive no plano político, abrindo-se um período de transição. Além disso, como ficou claro em todo esse texto, as "liberdades democráticas" estão comprometidas e servem a erros teóricos e políticos importantes nas posições atuais da esquerda revolucionária.

Na Declaração Política, os companheiros também deixam aberto um espaço para defender alianças com o chamado setor "autêntico" do MDB, aliança essa que também tem sido hoje um fator que acaba por impor à política dessas Os. a conciliação com a democracia pequenoburguesa, uma vez que acham que se aliando com os representantes políticos da pequena burguesia (ou seja, fazendo compromissos de programa) é que se consegue atrair a pequena burguesia democrática para o lado do proletariado. Certamente que o proletariado pode *apoiar* movimentos políticos ou atos de representantes políticos de outros setores que combatem a superexploração e a opressão policial. Mas o apoio que o proletarido dá é um apoio segundo o seu programa, segundo os seus objetivos, segundo *o seu ponto de vista*, mantendo-os, e não segundo o ponto de vista liberal, ou seja, fazendo-se transações de programas, de objetivos, de palavras de ordem!

Apesar dessas questões, dizem os companheiros em sua Declaração Política: "Diante disso, nós trabalhadores revolucionários, temos que redobrar os esforços para nós colocarmos à frente dessas lutas. Para conduzi-las *no sentido* da construção de um amplo movimento popular de Resistência contra a Ditadura que tenha *no centro* e como *força principal* o movimento operário. Esse é o caminho através do qual a classe golpeará, enfraquecerá e derrubará a Ditadura Militar limpando o terreno para a Revolução Socialista... E nesse 1º de maio, renovamos o apelo às organizações e grupos revolucionários que concordem com essas posições, para que *estreitemos os laços, superando as divisões atuais* e marchemos firme e rapidamente em direção a esse objetivo". (30) (grifos meus)

CJM
Pasta 12
Doc. 19

No artigo "Nosso compromisso é com a luta", entre outras coisas, dizem os companheiros: "Lutamos contra o arrocho salarial, por melhores condições de trabalho e de vida; Pelo avanço na construção de uma *organização sindical independente* com base nas Comissões Operárias de Fábrica. Pela criação e fortalecimento de *oposições sindicais combativas*. Pelo prosseguimento da luta, pela derrubada dos pelegos das direções dos sindicatos oficiais, para que possamos nos apoderar deles e colocá-los a serviço das lutas da classe e da construção de seus sindicatos livres; pelo fortalecimento das organizações proletárias de bairro, das associações proletárias de caráter cultural, social e recreativo; Lutemos pela *destruição de todas* as leis repressivas, pelo desmantelamento dos órgãos de repressão, pela punição de seus crimes, lutemos pela conquistas de amplas liberdades democráticas para os trabalhadores e para o povo; Pela solidariedade ativa às luta dos trabalhadores do campo e de todos os setores explorados da população contra as classes dominantes que os exploram; Lutemos pela *derrubada da Ditadura* e pela *construção de um governo dos trabalhadores* ..." (31) (grifos meus)

Comparando estas questões com os documentos oficiais que criticamos anteriormente, de fato há uma enorme distância. Esperamos que as posições aí colocadas em termos de "lutar pela derrubada da ditadura e pela construção de um governo dos trabalhadores" e de determinadas reivindicações que daí decorrem não signifiquem, mais uma vez, apenas, uma profissão de fé, mas que signifiquem um esforço que os companheiros estejam fazendo para superar e romper com o lado atrasado de suas posições. É o triunfo das posições revolucionárias sobre o lado atrasado, pequeno-burguês, que poderá constribuir para o *estreitamento dos laços* e a *superação de divisões* entre forças políticas que lutam no interior do proletariado e que se comprometem com as teses básicas da revolução socialista e proletária no Brasil.

José Carlos de Melo

junho-1976

Notas

1 - Ver o doc. "Nossas tarefas atuais no Movimento Operário", MR-8, na Revista Brasil Socialista nº 1, jan./75, pág. 26.
2 - Idem, págs. 27/28.
3 - Ver "Teses 72", MR-8.
4 - Ver o doc. de Daniel Terra, "Contra o Doutrinarismo e o Economismo".
5 - Ver Carta da APML à PO - fev.-76.
6 - Ver "Contra o Doutrinarismo e o Economismo".
7 - Idem
8 - Ver Stalin, "Questões de Política" (Sobre os fundamentos do leninismo), Ed. M. Rodrigues Xavier, Portugal, pág. 118.
9 - Ver Lênin, "Projeto de Programa de nosso Partido", Obras Escolhidas em 6 tomos, tomo I, Ed. Cartago, BA, 1973.
10 - Ver Stalin, "Questões de Política".
11 - Ver Mao, "Os problemas estratégicos da guerra revolucionária na China", Écrits choisis en 3 volumes, vol. 1, Ed. Maspero, págs. 104/105.
12 - Ver Lênin, "Questões de Litígio", Oeuvres choisies en 2 volumes, tome 1, 2ème partie, pág. 242 (publicado em TP nº 1).
13 - Ver Lênin, "A violação da unidade aos gritos de: viva a unidade!", Idem, pág. 260.
14 - Ver Lênin, "A importância do ouro agora e depois da vitória total do socialismo", Obras escolhidas em 6 tomos, tomo VI, Ed. Cartago, BA, 1973.
15 - Ver Lênin, "Que Fazer", Obras escolhidas em 3 volumes, vol. 1, Editorial Progresso, Moscou, pág.255.
16 - Ver Revista Brasil Socialista nº 1, pág. 16.
17 - idem, págs. 25/26.
18 - Ver Lênin, "A autocracia e o proletariado", Oeuvres, tome 8, Éditions Sociales, Paris, pág. 16.
19 - Ver Lênin, "Democracia operária e Democracia Burguesa", Idem, pág. 66 e 72.
20 - Ver Lênin, "Resoluções da Conferência do Comitê Cen

36 U

tam como se um fosse a superação do outro. Procura-se impor um tipo de discussão superficial e sectária que não tem outro objetivo senão o de encobrir os erros políticos, causar a confusão entre os setores avançados da massa e procurar manter a ilusão de que, entre doutrinaristas e democratistas, uns são os revolucionários e outros são os traidores ou os liquidacionistas, oportunistas, etc.

Os democratistas e os doutrinaristas querem impor para o conjunto da esquerda revolucionária discussões que giram em torno de princípios gerais, com os quais de certo modo todos concordam, em torno do significado literário da palavra democracia, em torno de jogos de palavras, como por exemplo, "quem não defende a luta pela supressão do AI-5 é porque é a favor desta lei repressiva" (!), etc.

Os doutrinaristas procuram elaborar formas de luta e de organização que, do ponto de vista teórico, podem ser consideradas "ideais", cujo objetivo é tão somente distinguí-las das formas de luta e organização onde podem estar presentes ou com as quais podem concordar os setores considerados vacilantes, pelegos, reformistas, democratistas, etc. Visando compensar o rebaixamento da agitação política, em virtude de determinarem o seu conteúdo e a sua direção pelas circunstâncias do momento e que segundo eles não permitem colocar o problema da ditadura, as preocupações dos doutrinaristas vão estar centradas na luta de princípios gerais ou em transformar em "princípios revolucionários" os mínimos detalhes da prática imediata, desde que estes detalhes sejam uma forma de "isolar" os que são considerados "revolucionários", "proletários", do conjunto do movimento, em particular de suas camadas avançadas, onde as vacilações, o atraso e as influências de outras classes são grandes ainda. Não vêem nenhuma possibilidade de avançar hoje na penetração no proletariado, na construção partidária e não vêem nenhuma possibilidade de contribuir para o crescimento das lutas de massas. Os democratistas, por outro lado, ao assumirem as liberdades democráticas como conteúdo e direção de sua prática política atual, consideram, uns de forma mais pensada e ou-

CJM
Pasta 12
Doc. 29

tral do POSDR ampliada aos militantes do Partido", Oeuvres, tome 19, pág. 452

21 - Ver carta da APML à PO.

22 - Ver Marini, "Algumas considerações sobre a Contra-Revolução no Chile", Revista Brasil Socialista nº 1, pág. 67.

23 - Ver carta da APML à PO.

24 - Ver Lênin, "A ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato", Oeuvres, tome 8, pág. 300.
Obs: Kuropatkine (comandante do principal exército russo na guerra contra o Japão - 1905) e Oyama (comandante das tropas japonesas).

25 - Idem, pág. 303.

26 - Idem, pág. 297.

27 - Ver Lênin, "As tarefas do Proletariado em nossa Revolução", Obras escogidas em 3 volumes, vol. 2, Editorial Progresso, Moscou, pág. 49.

28 - Ver Lênin, "As tarefas do proletariado na presente revolução", idem, pág. 41.

29 - Idem, pág. 41

30 - Edição Especial, maio de 1976, pág. 3.

31 - Idem, pág. 7.

3 f

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO BOLETIM 5

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO 7

O PROGRAMA REVOLUCIONÁRIO, O MOMENTO ATUAL E O DEMOCRATISMO 9

Sob o manto das "liberdades democráticas", duas fontes de erros 12

O "Programa tático" e á conciliação da liberdade política para as massas trabalhadoras com a dominação burguesa 21

A que serve a confusão entre "Ponto fraco do adversario" e "elo especial"? 28

As "reivindicações parciais" e "objetivos parciais" em oposição à alternativa da classe operária 45

A supressão do programa mínimo ou de transição e a exaltação do programa máximo 57

Pela superação do principal foco de vacilações 68

37V

tros de uma maneira quase que irresponsável, que encontraram a chave misteriosa da porta do paraíso, ou seja, da porta da democracia, da porta da liberdade política para as massas trabalhadoras.

Em relação ao democratismo, o seu rápido crescimento no interior da esquerda revolucionária, principalmente a partir do momento em que a realidade criou melhores condições para a prática política, pode se explicar pela falta de uma força política apoiada no proletariado e pelo peso que tem hoje a pequena burguesia em termos políticos, dentro da sociedade e dentro da própria esquerda. Mais particularmente, pode se explicar pelo fato de existir no país uma ditadura policial que gera anseios crescentes por liberdades em amplas camadas da população e pelo fato de que, a partir do período das eleições de novembro de 1974, setores da pequena burguesia intelectualizada, área tradicional de influência da esquerda, passaram a jogar suas esperanças na disputa parlamentar, em particular nos setores do MDB que melhor expressam os ideais democráticos da pequena burguesia.

Sem dúvida que as liberdades políticas são um problema atual e da maior importância dentro da luta de classes no país. E, para discutir esse problema, de um lado não basta fazer apologias sobre a democracia, não basta dizer que a ditadura do proletariado não passa de uma democracia para as massas trabalhadoras, não basta dizer que o termo democracia está presente até mesmo na teoria leninista de organização (centralismo democrático), para com isto provar a virtude e a correção da luta pelas liberdades democráticas. De outro lado, não basta afirmar princípios revolucionários, não basta dizer que a democracia não existe no geral, nem é suficiente repetir que Lênin considerava a democracia em geral como uma ilusão da pequena burguesia e que na sociedade burguesa a democracia é necessariamente uma forma de ditadura da burguesia, para então concluir que a prática atual, ao lançar mão das "liberdades democráticas" como bandeira de luta, não passa de uma prática inconseqüente e contrária aos interesses do proletariado revolucionário.

Para avançar nas discussões do problema precisa

mos entrar pelo campo das diversas posições que expressam a prática atual de organizações da esquerda revolucionária que defendem a bandeira das "liberdades democráticas", para que seja possível explicitar erros políticos e práticas inconseqüentes

Sob o manto das "liberdades democráticas", duas fontes de erros

Vivendo debaixo de uma ditadura policial que suprime os mínimos direitos e liberdades das massas trabalhadoras e de outros setores oprimidos, podemos assimilar de imediato dessa realidade crescentes anseios por liberdades em amplas camadas da população. Também podemos agora assimilar da realidade brigas no bloco do poder da burguesia e uma atividade do MDB, em particular de seus setores mais combativos, em defesa das liberdades democráticas, da supressão do AI-5, de eleições diretas, de constituinte, enfim, em defesa de uma redemocratização do regime. E, finalmente, podemos assimilar da realidade que setores politizados da pequena burguesia, áreas de influência da esquerda, se inclinaram ou se inclinam para fortalecer os setores combativos do MDB como meio de luta contra a ditadura e em virtude de esses setores do MDB estarem presentes agora no plano político com posições mais avançadas de oposição à ditadura. A própria votação recebida pelo MDB nas últimas eleições por parte das massas trabalhadoras também é um fato que pode ser utilizado para demonstrar o fortalecimento das bandeiras levantadas pelo MDB e em particular pelo seu setor representante da pequena burguesia democrática. Muitos passam então a deduzir dessa *visão imediata* e *superficial* da realidade que é obrigação dos revolucionários lutarem para que o proletariado se integre nesse "amplo movimento" pelas "liberdades democráticas".

Contudo, no centro desse movimento geral está a pequena burguesia democrática que é a base social que sustenta os setores mais combativos do MDB no Parlamento, atividades de personalidades democráticas e os próprios setores atrasados do capital e descontentes com o regime que jogam esperanças no MDB. Respondendo a isso,